



ATOS DO CONSELHO SUPERIOR DA SOCIEDADE SALESIANA

SUMÁRIO

- I. Carta do Reitor-Mor**
Acolhida à carta sôbre a pobreza — Ainda sôbre a solidariedade — Obras propostas à "solidariedade fraterna" — Voluntários para a América Latina no campo do trabalho — Não basta discutir: é ainda mais útil realizar — Colaborar para melhorar — Renovado apêlo em favor da América Latina — Capítulo Geral Especial das F.M.A. — O Centenário da Congregação — O significado da aprovação pontifícia — Escolhemos vivere in unum — Convite à unidade — Unidade no pluralismo — Unidade na Fidelidade ao Papa — Um perigo: a secularização — Falsa miragem do mesianismo social — "Nós somos os tempos".
- II. Disposições e normas**
Instrução sôbre o aggiornamento da formação para a vida religiosa — pesquisas no Arquivo Central — Exatidão a respeito do prospecto estatístico das Inspetorias.
- III. Comunicações**
Concessão para Ordenações de subdiáconos e de diáconos.
- IV. Atividades do Conselho Superior e iniciativas de interesse geral**
Preparação do Capítulo Geral Especial — Encerramento do Centenário da Basílica de Maria Auxiliadora — Atividades do Conselho Superior — Iniciativas de interesses diversos.
- V. Documentos**
Instrução sôbre o adequado renovamento da formação para a vida religiosa — Novas normas para o capítulo inspetorial — Ordenação antecipada de subdiáconos e diáconos.
- VI. Magistério pontifício**
Vista geral do panorama da Igreja — Ideal da perfeição religiosa na hora presente — Três intervenções do Santo Padre sôbre problemas juvenis — Vitalidade da Igreja de hoje.
- VII. Neclorogia** (1.º elenco de 1969)

I. CARTA DO REITOR-MOR

Turim, Festa de S. João Bosco, 1969

Irmãos e filhos caríssimos,

torna-se para mim particularmente agradável retomar meu colóquio convosco no dia consagrado ao nosso Pai. Falo-vos enquanto aqui na Casa-Mãe, na Basílica, uma multidão devota e piedosa de salesianos, de filhas de Maria Auxiliadora, de fiéis, entre os quais tantos jovens, se sucede ininterruptamente para prestar homenagem, para rezar ao Santo da juventude.

Penso com emoção que, nestas horas, em todos os continentes se eleva a Dom Bosco a oração de milhares de corações que olham para êle como Pai e Mestre.

Gostaria no entanto acrescentar que a homenagem mais verdadeira e mais válida que o Pai nos pede, a nós que nos gloriamos de ser seus filhos nestes momentos agitados e confusos, não é tanto um sentimental e evanescente amor, mas a fidelidade a êle; sem isto, corremos o risco de criar tão somente um verbalismo vazio ou sentimentalismo que nada tem que ver com o autêntico amor, o qual — é bom recordá-lo — se manifesta pelos fatos.

Há pouco, Paulo VI lembrava a um grupo de Neo-Sacerdotes Salesianos esta verdade: “Vós podeis ter na Igreja — dizia êle — uma influência importante e grande exatamente *se fordes aquilo que sois*”; em outras palavras, se formos verdadeiramente fiéis a Dom Bosco.

Quero agora agradecer sensibilizado a muitíssimos que enviaram cumprimentos por ocasião das festas natalinas. Aproveito esta oportunidade para fazê-lo, receando que a muitos não tenha conseguido fazer chegar pessoalmente o meu agradecimento; desejo, porém, assegurar que para todos tive um *memento* particular e reconhecido fazendo meus os votos e as intenções de cada um.

Com os augúrios estimei muito receber as notícias — muitas vêzes tão alentadoras — sôbre a vida e atividade de tantas obras nossas e, especialmente, me confortou a verificação que em tôda parte se compreendeu bem a importância do Capítulo Geral Especial, e já se trabalha sèriamente e com afinco para a preparação do Capítulo Inspectorial: digo sèriamente, isto é, com fervor de estudos e de pesquisas com intuito de dar à Congregação, sem demagogias e extremismos, mas com um sentido sãdiamente realístico, a contribuição da própria experiência, antes, o sinal concreto do próprio amor, para uma verdadeira e fecunda renovação.

Acolhida à carta sôbre a pobreza

Outras notícias confortadoras que acompanharam os augúrios são aquelas que dizem respeito à acolhida dispensada à carta "*nossa pobreza hoje*".

Não posso esconder que fiquei emocionado ao verificar tanta aceitação, e, mais ainda, tantos propósitos sinceros.

Penso fazer-vos coisa agradável respigando entre as muitíssimas cartas recebidas.

Um irmão assim se exprime com diáfana simplicidade: "Havia-me cercado de muitas pequenas coisas sem perceber; lendo a sua circular corei. E dizer que me chamava a mim mesmo de missionário; e dizer que na nossa paróquia há uma pobreza que parece incrível. Mas já comecei a dispor de tôdas estas coisas para viver como verdadeiro

consagrado... Receba a minha humilde carta: estou com o senhor”.

Outro irmão assim escreveu ao seu superior: “A carta do Reitor-Mor sôbre a pobreza começa a produzir o efeito em mim. Anexo a esta uma ordem bancária oferecida por meu irmão para adquirir para mim um terno nôvo. Esse terno pode entregá-lo a um dos tantos pobres que bate à porta de seu coração”.

Um Diretor diz: “Muito obrigado pela carta sôbre a pobreza. Era tempo de se ouvir uma palavra clara... Lemos nela três ou quatro títulos por dia como meditação: é um alimento que penetra nos ossos”.

Um Inspetor confessa: “Como resultado da carta, o Conselho se ocupou pela primeira vez expressamente da pobreza na Inspeção, e ao lado de constatações consoladoras se verificaram outras que vão empenhar Superiores e irmãos na revisão e providências, antes de mais nada, para criar uma mentalidade de acôrdo com os princípios e as normas contidas na carta”.

Outro Inspetor, finalmente, convidou os irmãos da Inspeção a remeter com liberdade tôdas as observações e sugestões tanto no que tange às responsabilidades próprias do Conselho Inspeccional com relação à pobreza, quanto no que concerne à Inspeção.

Em muitas comunidades estão se realizando reuniões nas quais com corajosa franqueza não sômente se faz o *scrutinium*..., mas dêle se deduzem conclusões práticas. Espero de cada Inspetor, a seu tempo, relação de tôdas as realizações que em cada Inspeção se efetuaram.

Citei alguma amostra dentre tantas: o que nos conforta é a reação positiva que a nossa carta provocou em tôda a parte.

Entretanto é necessário prosseguir, não deixando cair no vazio o grande apêlo, não só mas empenhando-nos todos

para alimentar, *verbo*, e mais ainda, *opere*, o clima de pobreza vivida para o qual Dom Bosco, hoje, alinhando mais do que nunca com a Igreja, nos convida.

E êste empenho, recordemo-lo bem, implica que cada um se preocupe antes de mais nada não com aquilo que os outros devem fazer, mas procure ver com sinceridade aquilo que êle mesmo deve fazer.

Sòmente assim se conseguirá dar à Congregação aquela dinâmica jovem que penetra suas raízes na pobreza.

Ainda sôbre a solidariedade

Com a pobreza está ligado o compromisso da solidariedade. Sei que também a êste respeito já há movimentos nas Inspetorias. Está claro, como já escrevi, que se trata de uma obrigação que ao mesmo tempo é de justiça e de caridade fraterna. Exatamente por isso, os frutos dessa solidariedade deve provir de cada um de nós como pessoa, de nós como comunidade; não se trata pois de recolher ofertas entre benfeitores, de tomar iniciativas de coletas, rifas etc. para conseguir meios para as nossas obras necessitadas.

Não se deseja nem se quer isso.

De nossa pobreza vivida mais generosamente, de uma administração mais cautelosa e atenta, de uma economia inteligente e sábia e — por que não? — de certas renúncias a não poucas coisas supérfluas e talvez inoportunas deverão surgir os frutos concretos da solidariedade para com os irmãos e para com tantas obras nossas necessitadas.

Crede-me que pude constatar *de visu*, que essas obras necessitadas muitas vêzes faltam de meios primordiais para a vida de tal sorte que os irmãos não sòmente vivem em condições de extrema pobreza mas devem resignar-se a paralisar grande parte de sua ação tanto social como apostólica exatamente por falta de meios.

Por êsse motivo creio acertado que vos apresente já uma primeira lista de nossas obras no mundo, as quais necessitam grave e urgentemente de ajuda. São obras cuja situação e pobreza são por nós bem conhecidas também devido às visitas dos Superiores Regionais. Muitas delas eu pessoalmente pude visitar durante as minhas viagens; posso assegurar-vos, aliás, que estou sob a impressão edificante e muitas vêzes até chocante de muitas destas obras pelas quais não podemos ficar insensíveis.

Nós do Centro temos feito e fazemos tudo o que está ao nosso alcance para socorrer, mas as necessidades são enormes e as nossas possibilidades não estão absolutamente proporcionadas aos pedidos.

Mas refleti quão grande ajuda se poderá realizar recolhendo os frutos da solidariedade de tantas Inspetorias.

Para que a distribuição se possa fazer proporcionalmente às verdadeiras necessidades das diversas obras catalogadas, é conveniente que a ajuda seja remetida pelas Inspetorias ao Centro com o endereço: “Ao Reitor-Mor para a solidariedade fraterna”, indicando na ordem de preferência duas ou três obras às quais se deseja destinar a oferta.

É claro que se levarão em consideração essas indicações.

Oportunamente nos Atos do Conselho será dada uma relação exata da atribuição das quantias.

É provável que no comêço não funcione tudo tim-tim por tim-tim; procuraremos corrigir, à medida que caminhamos: o importante é começar com vontade decidida de não deixar cair no vazio o apêlo à solidariedade para com os irmãos.

Estou certo que não será vã a minha espera no encontro da caridade fraterna.

Obras propostas à “solidariedade fraterna”

Eis algumas obras propostas à “*solidariedade fraterna*”.

EUROPA

Além-da-cortina. Cinco obras para a formação do Pessoal. Por razões óbvias não citamos o nome dessas obras e dos países.

AMÉRICA LATINA

I. *Bolívia.* É uma das nações da América do Sul que mais sofre os problemas do desenvolvimento. Em si mesma é uma nação rica de recursos naturais, mas possui ainda uma economia muito pobre. Os nossos salesianos, com auxílios generosos provindos do exterior, conseguiram construir uma boa parte do *Aspirantado de Calacoto*, onde atualmente se encontram perto de cem aspirantes. É necessário terminar a construção de dois andares, dos quais só existe a estrutura de concreto. É uma obra muito necessária porque a Bolívia é uma nação muito pobre de vocações.

II. *Brasil.* 1) Corumbá — “*Cidade de Dom Bosco*” (Inspetoria de Campo Grande). Trata-se de uma obra que contribui ao desfavelamento de um bairro da cidade. Necessita de auxílio em dinheiro para a construção de pequenas oficinas, da Capela que será também Paróquia e finalmente de casas para os mais pobres.

2 — *Belém-Sacramenta* — “*Escola Industrial Salesiana*” (Inspetoria de Manaus). É um internato para meninos abandonados. Necessita urgentemente de máquinas para as oficinas.

3 — *As Missões do Rio Negro* — (Inspetoria de Manaus):

paupérrimas e incapazes de sustentar-se por si. Necessitam de ajuda para sustentar os seis internatos indígenas.

III. *Equador. As missões do Vicariato de Méndez.* (Inspetoria de Cuenca): Necessitam reconstruir os edifícios de cinco paróquias, porque são de madeira e já estragados e sem segurança.

IV. *Haiti.* É de todos conhecida a situação de miséria extrema em que vivem neste país centenas de milhares de pessoas. Em Port-Prince os nossos irmãos necessitam urgentíssimamente de ajuda para continuar a fornecer “um prato de arroz com feijão”, único alimento que recebem diariamente 3.000 crianças pobres, provenientes de tôdas as *favelas* da cidade. Solicitam também ajuda para pagar os professôres que lecionam a 1.200 crianças, debaixo de um enorme barracão.

V. *Paraguai.* É uma Inspetoria que tem muita necessidade de ajuda. Não pode sustentar-se sôzinha, porque as obras são pobres e o país não oferece muitas possibilidades. Entre as necessidades mais imediatas assinalamos:

1 — Aspirantado de Ypacaraí: Pede-se ajuda para construir a cozinha, o refeitório para os meninos e os salesianos e a Capela. Dêsses ambientes existem só as paredes. Uma ajuda substancial permitiria concluir o aspirantado e dedicar-se, sem muitas preocupações econômicas, à formação dos aspirantes.

2 — O Oratório “São Luís” de Assunción (capital): É um oratório cotidiano freqüentado por mais de 300 jovens, diariamente. Possui tão sòmente um ambiente que lhes serve de capela, sala de aula, cinema, reuniões e abrigo dos meninos quando chove. É urgente construir ao menos alguns ambientes para poder ministrar contemporaneamente aula de religião e fazer reuniões.

VI. *Uruguai. Estudantado teológico e filosófico de Manga:* faltam na biblioteca as obras fundamentais para

consulta, e isso com prejuízo da formação dos clérigos. A Inspeção se encontra numa precária situação financeira devido à grave crise econômica que o país está atravessando. Aceitaria agradecida para a biblioteca obras de certo valor que os nossos irmãos nunca poderão conseguir sôzinhos; por exemplo: Dictionnaire de Théologie Catholique, Dictionnaire de Spiritualité, Mansi, opp. Corpus Scriptorum Vindobonense, etc.

Á S I A

I. *Coréa.* Os sofrimentos da Coréa do Sul são conhecidos em todo o mundo. Os nossos irmãos compartilham essas tribulações com a população em que trabalham. Assinalamos:

1 — *Mantimentos para os nossos irmãos em formação*, para os quais devem angariar-se 1.200 dólares mensais e assim mesmo, com grande trabalho e preocupações cotidianas, não se consegue arrecadá-los.

2 — *A construção do Aspirantado de Kwangju*, que foi suspensa na metade por falta de 66.000 dólares que necessitariam ainda para ser habitada.

II. *India.* À margem do Gange nos confins de Bilhar e Bengala, os nossos trabalham com ótimos resultados no meio de 33.000 “Santalo”, uma população que facilmente se converte. *O sustento de uns 80 filhos de neófitos* pesa fortemente sobre as finanças da Inspeção que já luta para manter as suas casas de formação.

III. *Vietnã.* Este país tão atribulado possui um número consolador de aspirantes, mas não sabe onde colocá-los. Com 80.000 dólares se solucionaria o problema do *Aspirantado*.

ÁFRICA

Congos A “Cité des jeunes” de Lubumbashi (Inspetoria da África Central) pede ajuda para poder dar de comer aos famintos da periferia. Trata-se de uma obra para os mais pobres dos pobres.

Voluntários para América Latina no campo do trabalho

Mas é verdade que a caridade não é feita só de pão.

Na carta anterior vos dizia que também mandar ajuda de braços, onde faltam dramaticamente, é uma forma de solidariedade ainda mais eficaz e não menos urgente do que aquela que se exprime numa chave econômica.

Posso assegurar-vos que a expedição dos voluntários para a América Latina, ainda que sem pretensão de ter resolvido tantos problemas, foi uma benéfica transfusão de sangue para algumas Inspetorias, que se encontravam numa situação verdadeiramente grave. Aquêles Inspetores escrevem com entusiasmo dos irmãos que já vão se inserindo gradativamente no trabalho pastoral e cheios de gratidão para com as Inspetorias que fizeram fraternamente a oferta de irmãos mesmo a custo de não leves sacrifício.

Por sua vez êles me escrevem todos exprimindo a sua felicidade por terem encontrado tanto trabalho pastoral. “É verdade — escreve-me um dêles, como interpretando um sentimento comum, — vivemos em condições de vida muito diferentes daquelas em que nos encontrávamos nas Inspetorias de origem; existe muita e, muitas vêzes, dura falta de conforto, mas não lamentamos aquilo que deixamos. Cada um de nós está contente por ter dado tudo ao Senhor e renova todos os dias a sua oferta”.

Eis em pouquíssimas palavras o programa dos nossos voluntários: “Dar tudo ao Senhor” que necessita de corações generosos e sabem dar-se sem reserva e sem medo de

sacrifícios e renúncias. “Dar tudo às almas” que naqueles Países são em número incontável e disponíveis à ação do sacerdote mas são ainda ovelhas sem pastor...

“Dar tudo” para ir ao encontro dos heróicos irmãos que naquelas terras, devido ao número de muito inferior às necessidades, devido às doenças e à morte, experimentam o desânimo diante das situações precárias daquelas Dioceses, daquelas obras apostólicas.

“Dar tudo” para testemunhar tanto aos irmãos que permanecem nas obras ordinárias, quanto aos jovens os quais, antes de consagrar-se, desejam ver uma Congregação que não se arrasta na mediocridade da rotina, mas vive intensamente o espírito missionário que Dom Bosco nos deixou por herança: espírito missionário que antes de mais nada significa espírito de fé vivida e sofrida que transborda em caridade paulina, aquela caridade, isto é, que se faz tudo para todos sem olhar para sacrifícios a fim de levar todos a Cristo.

Não basta discutir; é ainda mais útil realizar

Nessa altura me parece venha a calhar uma observação que à primeira vista pode parecer não pertinente.

Muitos observam que nestes tempos multiplicam-se ao infinito os encontros, as mesas redondas, os congressos, pondo demasiadas vezes tudo em discussão e terminando com nada de realizado, de concreto, de construtivo, antes, deixando demasiadas vezes nos participantes somente uma sensação de confusão de idéias, que traz como consequência um profundo mal-estar e desnorreamento com conseqüentes arbitrariedades e abusos, aqui e acolá, em todos os campos da atividade da Igreja e da mesma Congregação.

Eu não condeno absolutamente encontros, mesas redondas etc. Antes, se bem dosados em número, argumentos, objetivos, participantes, dirigentes, despesas; se preparados

com seriedade e desenvolvidos ordenadamente, eu os vejo úteis e benéficos.

Mas desejo dizer antes de tudo que êsses encontros, e falo especialmente do nosso ambiente, não podem substituir nunca os organismos aos quais compete estabelecer normas diretivas, e aquilo que se conclui nesses encontros (e tanto menos aquilo que alguém não sempre com muito equilíbrio possa dizer) não pode ser apresentado e aceito como norma ou justificativa para iniciativas ou linhas de conduta as quais, repito, são da alçada da autoridade competente. Semelhante modo de agir nos colocaria num plano que poderia em diferente medida levar-nos a um processo de dissolução, diria para o caos.

Mas aquilo que desejava dizer com relação a certa inflação de encontros, que se houve criticada em muitos lugares, é outra coisa. Talvez, como muitos irmãos fazem notar, muitas vêzes seria mais útil à Congregação, assim como à Igreja, empenhar-se a estudar em concreto em tantos encontros como atuar as muitas disposições e diretivas utilíssimas e obrigatórias que nesses anos foram emanadas e ainda o são.

Certamente, parece mais profícuo para a Congregação, e para todos empregar o tempo num trabalho sério, organizado, sistemático, conduzido na linha já traçada por meio de tantos documentos conciliares, pontifícios e salesianos, no esforço comum de juntar as fôrças para construir, e não perder-se em logomaquias ou, pior ainda, críticas e contestações que muitas vêzes não esclarecem nada e estão muito longe de produzir aquêle verdadeiro enriquecimento do qual a Igreja e a Congregação necessitam urgentemente

Colaborar para melhorar

Muito oportunas recordamos as palavras recentíssimas que Paulo VI dirigiu aos operários de Taranto. "... para

exprimir-nos — Ele dizia — com termos que hoje pertencem à linguagem de todos, aquilo que agora mais leva a falar é à contestação, que parece querer desintegrar, quase demolir, eliminar, numa palavra, o sufrágio do afeto e da confiança nas constituições vigentes. Que ficará de tudo isso não sabemos; mas vendo-vos fiéis, tão prontos, tão vivos e tão sinceros ocorre ao nosso espírito uma outra fórmula que vos entregamos. Ao invés de ser uma fórmula que destrói, quer ser uma fórmula que constrói: não aquela da contestação, mas da colaboração, *colaboração!* Experimental, experimental trabalhar juntos. Há milhares de êrros e centenas de defeitos, inúmeras lacunas, tantas coisas por completar e tantas belas obras por fazer, novas, para as quais o mundo moderno oferece a possibilidade. Trabalhem juntos, procuremos construir, procuremos edificar, sim, uma bela cidade moderna dos homens e uma bela cidade de Deus, onde os cristãos se sintam irmãos e cidadãos”. (Osservatore Romano, 27-28 Janeiro 1968).

Nesta linha os nossos voluntários nos dão um magnífico exemplo: êles não discutem e menos ainda contestam, não se envolvem em problemáticas e problematicismos, êles com a simplicidade de todos aquêles que na Igreja são verdadeiros construtores, dizem: “Eis-me aqui! A minha contestação é a minha doação total: por Deus e pelas almas”.

Renovado apêlo em favor da América Latina

É um exemplo que dá a todos nós coragem e confiança e ao mesmo tempo nos convida a pensar e — por que não? se o Senhor inspira — a imitá-los. Exatamente a propósito de imitação venho também neste ano renovar o convite de voluntários para a América Latina. Nas mesmas condições; sacerdotes, por volta dos 40 anos, por um quinquênio, em atividades pastorais. Mas não quero ser injusto com os irmãos coadjutores dos quais recebi... protestos, aliás muito gratos, porque, no ano passado, foram excluídos do

apêlo para a América Latina. Pois bem: façamos um ato de reparação: estendo o convite também aos irmãos coadjutores nas mesmas condições dos sacerdotes.

Tenho em cima da mêsã diversos pedidos que chegaram nesses últimos mêsãs. Depois da renovação dêste convite oficial tenho certeza que outros irmãos solicitarão com pleno conhecimento que vão enfrentar uma vida sem confôrto sob todos os aspectos, para dar a contribuição pessoal à difusão da mensagem da salvação, em ajuda aos irmãos que naqueles países lançam o seu S.O.S. A mim me parece que semelhante serviço venha plenamente de encontro àqueles salesianos que desejam realizar o seu apostolado em um mundo pobre, a serviço dos pobres, na América Latina, que hoje é centro de interêsse apaixonante de tôda a Igreja. Dispõe-se de todos os elementos para satisfazer êsses desejos. E as Inspetorias, que perdem algum elemento, serão amplamente recompensadas pelo clima missionário que se desenvolverá e crescerá no seu ambiente e é fonte de espírito de generosidade, de fervor e chamariz eficaz de vocações.

Pediria que as “ofertas” dos voluntários endereçadas a mim, cheguem não além do mês de Abril: isso é necessário para predispor muitas coisas inerentes à preparação.

Capítulo Geral Especial das F.M.A.

Antes de passar para dois assuntos de particular interêsse, permiti fazer-vos ainda uma comunicação. Nesses dias se desenrola em Roma, no nôvo Instituto Internacional “Maria Auxiliadora” o Capítulo Especial das filhas de Maria Auxiliadora. Compreendeis muito bem a importância que êle assume, seja pelos problemas já propostos pela mesma natureza do Capítulo, seja pelo fato de, depois da edificante renúncia da Madre Geral e as conseqüentes demissões de todo o Conselho, dever-se providenciar também as eleições.

Como delegado apostólico do Instituto, acompanho os trabalhos da Assembléia, a qual demonstra tóda a consciência e a responsabilidade da missão que lhe foi confiada nestes delicados momentos.

Devido à complexidade e ao número dos temas na ordem do dia, prevê-se que os trabalhos se prolongarão durante não poucas semanas.

É nosso dever fraterno acompanhá-las com a oração e os votos ardentes que dêste Capítulo Especial o Instituto, que já conquistou tantas benemerências na Igreja, saia fortalecido e renovado, antes de tudo, espiritualmente e na autêntica fidelidade ao Fundador comum, e, ao mesmo tempo, sãbiamente e corajosamente aberto e sensível aos sinais dos tempos para realizar a sua missão juvenil tão paralela à nossa.

O Centenário da Congregação

E vamos ao primeiro dos dois assuntos anunciados.

Acabamos apenas de encerrar, no dia 8 de Dezembro p.p., as celebrações do centenário da Basílica de Maria Auxiliadora, cuja relação encontraremos na rúbrica "Atividades e Iniciativas da C.S".

Agora vos convido a recordar outro centenário, a saber, a aprovação da nossa Congregação, com o Decreto da Santa Sé do dia 1.º de março de 1869.

Eu diria que os dois acontecimentos não se sucedem casualmente. Com a construção e a consagração do Santuário de Turim, Dom Bosco havia colocado a sua Congregação, nascida numa forma extremamente modesta em 1859, sob a proteção especialíssima de N.S. Auxiliadora, e à sua intervenção materna havia confiado o porvir da sua criatura. A Congregação se havia afirmado válidamente nos primeiros dez anos de vida, mas por motivos do seu mesmo

crescimento e pelo seu original feitio havia multiplicado em tórno de si os motivos de contraste e as dificuldades para a sua aprovação.

De tudo isso Dom Bosco tinha conhecimento pleno quando, a 8 de janeiro de 1869, partiu para Roma, mas a confiança em N.S. Auxiliadora não o demoveu da empreitada. Disse-o mais tarde aos seus: “Pensei ir a Roma. Interpunham-se obstáculos imensos... Muitos Bispos e outras pessoas, aliás piedosíssimas e mais ainda favoráveis a mim, queriam persuadir-me que seria inútil a minha viagem. De Roma me escreviam... ser inútil e tempo perdido ir até lá, porque nunca me seria concedido aquilo que eu pedia e que era impossível a aprovação das Regras. Eu pensei então: Tudo me é contrário, entretanto o coração me diz que se vou a Roma, o Senhor, em cujas mãos repousa o coração dos homens, me ajudará. Então irei a Roma. E cheio de confiança parti. Intimamente estava persuadido que Nossa Senhora me ajudaria e disporia tudo a meu favor; e ninguém me teria demovido dessa persuasão”.

Nós sabemos como se processaram as coisas: Nossa Senhora, com sua intervenção extraordinária, abriu todos os caminhos e veio a tormentosa e bem merecida aprovação.

O significado da aprovação pontifícia

Quando nosso Pai voltou de Roma, aquêles que viviam no Oratório intuíram o alcance da grande vitória. O Com. Oreglia escrevia naqueles dias: “Parece que no Oratório enlouqueceram todos: quem canta, quem toca, quem grita, todos tão alegres que ninguém mais cabe em si. Nem sequer os sinos cessam de tocar um só momento, obrigando também os distantes a participarem da alegria”.

Hoje nós vivemos numa posição pacificamente adquirida diante da Igreja e diante do mundo e talvez não consigamos captar os efeitos de um reconhecimento que a Con-

gregação nos oferece sem que nada tenhamos feito para conseguí-lo.

Mas transportemo-nos à primavera de 1869.

O Decreto pontifício dava à Congregação a sua aprovação e com ela o direito de viver e agir de acôrdo com as próprias Regras, livre de intromissões externas, o reconhecimento de uma missão específica em favor da juventude. Turim devia ser o ponto de partida da obra, mas ela já tinha diante de si “o mar aberto” do mundo.

Dom Bosco além disso, que em todos os seus empreendimentos era movido por princípios superiores da Fé, via na chancela de Roma a inserção oficial da Congregação no grande organismo espiritual da Igreja: isto para êle era motivo de extraordinário confôrto, exatamente pela consciência viva que tinha da Igreja e pela ufania — não me parece fora de lugar esta palavra — que sempre havia experimentado, pessoalmente e para a sua família religiosa de colocar-se ao serviço de Reino de Deus. A sua missão no meio da juventude tornava-se parte da missão da Igreja.

Escolhemos “vivere in unum”

Mas falando e escrevendo aos salesianos naquela ocasião, Dom Bosco pôs em evidência, com força convicta e consciente responsabilidade, acima de tudo, outro resultado, aquêle da unidade que a aprovação pontifícia vinha consolidar entre os membros da nova Congregação. O memorável discurso que êle pronunciou, na noite de 11 de março de 1869, para a Comunidade dos salesianos, reunida depois das orações no refeitório, foi todo inspirado neste grande tema.

Escutai as palavras de Dom Bosco: “Meus queridos, a Nossa Congregação está aprovada; estamos vinculados uns aos outros; eu estou ligado a vós e vós estais ligados a mim e todos estamos ligados a Deus... Não somos mais pes-

soas particulares mas formamos uma sociedade, um corpo visível... Nesta noite vos digo poucas coisas mas que deveis lembrar, porque são as bases da nossa Sociedade... nós escolhemos *vivere in unum*. Que quer dizer este viver *in unum*?" E o bondoso Pai, tendo assim proposto o seu argumento, desenvolve-o — como aprazia ao seu espírito prático — com abundância de pormenores e de exemplificações, pelos quais fica bem evidente o objetivo de definir um espírito e de fixar uma idéia: a idéia da unidade, que deve ligar tôdas as fôrças dos salesianos na caridade, nos propósitos no trabalho, na missão única.

A um século de distância é nosso dever reconhecer que a afirmação e a dilatação da nossa família é resultado, em grande parte, da solidez compacta do seu espírito.

Ao longo da nossa história, se olhamos as coisas no seu conjunto, na nossa família não surgiram fôrças dispersivas, não prevaleceu o individualismo ao interêsse comum, procedeu-se com entusiasmo sincero e, se assim posso dizer, algumas vêzes talvez até ingênuo nas obras mais corajosas; mas a figura e o pensamento de Dom Bosco permaneceram acima de tudo como última norma de ação, o patrimônio espiritual das primeiras gerações se transmitiu àquelas que seguiram como uma herança sagrada: não conhecemos graves movimentos de indisciplina e de divisão. Somos um corpo que não conheceu brechas fatais: reconheçamos êsse merecimento naqueles que nos precederam.

Hoje muitas vêzes se escutam críticas sôbre o passado e se apontam também deficiências. Mas a unanimidade daqueles irmãos, no espírito, no apostolado, no estilo, obtiveram tamanhos resultados positivos que constituem para nós uma lição de valor não desprezível depois daquela que nos vem da palavra e do exemplo de Dom Bosco.

Convite à unidade

A cem anos daquela data histórica, no momento em que tudo é chamado a renovar-se e enquanto o impulso para

coisas novas com tantas conquistas sadias pode levar também à confusão e à dispersão de energias, eu gostaria retomar, para sublinhá-lo, o discurso de Dom Bosco sobre o tema fundamental da unidade.

A Congregação necessita da contribuição responsável de todos os irmãos nesta laboriosa vigília do Capítulo Geral Especial. Por isso a solicitei pessoalmente a cada um de vós.

Desejo que nada se perca do magnífico patrimônio de idéias, de experiências, de entusiasmo, dos quais todos vós sois depositários. Queremos pôr em ato todos os meios para estimular-vos para uma exata e filial obrigação de solidariedade e de colaboração. Mas, para que isso se realize positivamente, é necessário que acima de tudo prevaleça o grande princípio da unidade. As milhares de colaborações dos irmãos devem confluir numa única resultante que coincida com o *bonum commune* da Congregação. As mais brilhantes comunicações da inteligência, as propostas mais admiráveis de cada um ou dos grupos, as discussões de problemas em todos os níveis, correriam risco de reduzir-se a estéreis exercitações se não contribuírem para aperfeiçoar e tornar fecunda na unidade a missão inconfundível para a qual a Congregação é chamada nos nossos dias.

Unidade no pluralismo

Hoje está em perigo esta unidade que é o centro vital e a razão de ser da nossa vocação: êsse fenômeno é conhecido com o nome de pluralismo.

É necessário que as minhas palavras sejam claras.

O nosso esforço unitário não pode e não deve evidentemente anular as exigências de um pluralismo que tanto o Concílio Vaticano II como o nosso 19.º Capítulo Geral sancionaram solenemente.

Estão agora em execução muitas iniciativas que tendem a valorizar os recursos particulares da nossa Congregação e que desejam vir ao encontro, na diversidade das formas, aos vários interesses ambientais, na fidelidade à nossa missão comum. O 20.º Capítulo Geral poderá dizer a êsse propósito a sua palavra mais específica e autorizada. Nós não queremos esquemas monolíticos que apagam as características e o viço das sensibilidades e das exigências particulares. Dom Bosco nos ensinou êsse respeito dos homens e essa aceitação cordial da colaboração, e das exigências de todos na causa do bem.

Desejo tão sòmente relevar que o pluralismo, se bem entendido, não pode excluir a necessidade imprescindível da unidade; gostaria, antes, afirmar que tanto mais se deve garantir a unidade quanto mais é imperioso o sentido da variedade das experiências para salvaguardá-las da dispersão e da pulverização. Queremos uma unidade que some e valorize as fôrças de todos, não uma densidade cinzenta que as desconheça e as sufoque. A unidade é exigida hoje, como o era por outras razões há cem anos, não sòmente pela gravidade da missão que está diante de nós no Capítulo Geral Especial, mas antes ainda por causa da desorientação que — não vem ao caso escondê-lo — nos circunda e pode revolucionar também as nossas mentes, pela complexidade dos nossos problemas e a grandeza da nossa Instituição. Já o santo Padre nos pôs de sobreaviso quando, citando um escritor antigo, advertiu a nossa Congregação: "*Magnitudine laborat sua*". A vastíssima expansão da Congregação é de per si um perigo imanente.

Se Dom Bosco fazia apêlo à unidade para dar firmeza e estabilidade à Congregação no seu início, nós hoje devemos retomar com fôrça êste apêlo para a obra de renovação pós-conciliar em que responsàvelmente estamos empenhados.

Será possível conservar a unidade construtiva da nossa Congregação se permanecerem sólidos e luminosamente

operantes em cada um os princípios fundamentais da nossa vida cristã e religiosa e os elementos realmente essenciais do nosso espirito. Não se constrói sôbre a areia movediça de quem se arroga o direito de pôr tudo em discussão com fácil presunção de si e com desabusada leviandade diante do bem da Congregação.

Está claro que definir em concreto aquilo que constitui elemento essencial de unidade e aquilo que convém a um pluralismo razoável não pode ser tarefa de cada irmão, mas poderá fazê-lo — no momento oportuno — sômente aquêlle que tem autoridade; sair dessa norma elementar — repitamo-lo — levaria a Congregação a uma situação não só de confusão e incerteza mas de anarquia absoluta e desagregação, e portanto de esterilidade.

Unidade na fidelidade ao Papa.

Permiti que vos cite ao menos um setor de primordial importância no qual devemos ser — onde quer que atuemos no mundo — *cor unum et anima una*, sem indulgência em momento algum... a pluralismos.

Falo da fidelidade ao Papa.

A nossa adesão ao magistério do Papa deve ter aquela espontaneidade e aquela totalidade que é inspirada na nossa fé no Evangelho e na nossa fidelidade aos ensinamentos de Dom Bosco.

Portanto não podemos perder, com distinções bizantinas, uma das nossas características mais sagradas que não sômente devemos exaltar nos momentos acadêmicos e oficiais das nossas celebrações, mas tornar viva e eficaz nos empenhos cotidianos do nosso apostolado, de modo especial nestes momentos em que, como todos verificamos dolorosamente, se põe em discussão sem reserva a autoridade do magistério Papal.

Esse magistério, convém recordá-lo, é o princípio da nossa unidade e da nossa união com a Igreja. Sem esta fidelidade parece-me poder afirmar que não seríamos mais filhos de Dom Bosco.

Exatamente enquanto estou para encerrar estas páginas recebo fora de qualquer previsão, o telegrama que transcrevo na íntegra. Não posso esconder que pela espontaneidade do gesto, pelo calor pessoal que anima todo o texto, pela confiança que o Santo Padre demonstra na nossa modesta obra no meio da juventude, devemos sentir-nos todos empenhados em viver sinceramente os sentimentos e os propósitos que espressei no telegrama de resposta que igualmente vos transcrevo.

Telegrama do Santo Padre na festa de Dom Bosco

Sig. Don Luigi Ricceri
Rettor Maggiore
della Pia Società Salesiana
Torino

Odierna ricorrenza della festa di San Giovanni Bosco ravviva nel nostro animo la riconoscenza al Signore por avere suscitado nella sua Chiesa cotesta valorosa Società Salesiana alla quale desideriamo inviare una speciale benedizione confortatrice della sua vocazione alla causa della formazione della gioventù affinché quanto più urgenti et maggiori sono bisogni morali et spirituali della presente generazione giovanile et quanto più promettenti sono i segni della sua sempre nuova capacità corrispondere generosi ideali di una rinnovata vita moderna tanto più si riaccenda nei Figli di Don Bosco amore dedizione fiducia verso fanciullezza et gioventù del nostro tempo auspice rinnovata effusione divina sopra alunni exalumni et loro maestri.

Paulus PP. VI

Resposta do Reitor-Mor

A Sua Santità Paolo VI
Città del Vaticano

Profondamente commosso venerato Messaggio che Vostra Santità si è degnata inviarci con gesto di peterna benevolenza occasione festa liturgica nostro Santo Fundatore in-vio il ringraziamento vivissimo della Congregazione que accoglie Sua incoraggiante parola quale sprone et motivo per rinnovato impegno a responder sempre meglio alle attese della Chiesa ai bisogni et inquietudini gioventù nostro tempo. Nome Salesiani tutti rinnovo Santità Vostra devozione filialle dei cuori adesione plena delle menti nella fedeltà al Vicario di Cristo que guidò nostro Padre in tempi non facili et resta sacro retaggio ai figli.

Luigi Ricceri
Rettor Maggiore

Um perigo: a “Secularização”

Permiti agora que aluda a outro perigo que ameaça várias camadas da Igreja e que passa pelo nome de ‘secularização’ ou também de ‘horizontalismo’. Essa atitude ameaça ferir a unidade das idéias e da ação não somente da Igreja mas também da nossa Congregação.

Dela se escreve e se fala em nível teológico, pastoral, religioso.

Não é tarefa minha nem pretendo tratar o complexo e grave fenômeno. Entretanto posso dizer que debaixo dessa palavra se quer fazer passar tôda uma gama de conceitos e de princípios, dos quais alguns são aceitáveis, outros ao invés são totalmente subversivos; e é justamente nisso que está o perigo.

Agora eu desejo chamar a atenção de todos para um conjunto de aplicações práticas que em nome da secularização se vem ferir elementos essenciais da vida religiosa e ressaltar alguma coisa a êsse respeito. Dir-vos-ei antes de mais nada que êsse fato está ocupando também a 'União dos Superiores Gerais'. Isso indica a importância do assunto.

Para o nosso caso, neste momento, me parece oportuna, acima de tôdas as outras, seja pela autoridade como pela clareza, a palavra de Paulo VI. Ei-la: 'Dois critérios práticos hoje parecem competir na orientação dos Religiosos': um é aquê, tão sentido e operante de nossos dias, de aproximar o mais possível o homem à sua atual, múltiplice e mutável fenomenologia, de maneira a dividir ao máximo o seu modo de pensar e de viver, lembrando de alguma forma o exemplo de São Paulo: 'Faço-me tudo para todos, para pôdê-los salvar de algum modo em grande número'. (1 Cor.9,22). Êsse é um critério bem intencionado e é sinal de ardente amor apostólico, quando leva a viver melhor para os outros; não sempre é critério sábio quando leva a viver *como* os outros; é portanto critério que deve ser temperado por outro critério de acôrdo com as mesmas palavras do Apóstolo, o qual reafirma igualmente a sua imutável sujeição à lei de Cristo (Cf. *ib.*21); de modo que o desejo louvável para melhor compreender e dividir a realidade concreta do mundo presente que deve ser evangelizado não deve transformar-se ou deformar-se em um *conformismo* com as idéias e os costumes em voga, sempre variados e fugazes, nem em um *relativismo*, que se afasta da imutável verdade dos dogmas católicos, ou seja, da coerência com as experimentadas e fecundas tradições. Será, pois, sabedoria (do religioso) de hoje como daquele de ontem, apegar-se sempre, na alternativa da norma do seu estilo religioso e apostólico, àquela linha de pensamento e de ação, que o Superior lhe traça, fazendo assim dêle o soldado que com paridade de prontidão combate e obedece, e que se dobra à razoável indulgência

para com o mundo que deve levar à salvação, ao mesmo tempo que se declara livre e sincero nos confrontos quando o exijam os empenhos de fé católica e as obrigações da profissão religiosa”. (Carta ao Prepósito Geral dos Jesuítas 27-7-1968).

Até aqui Paulo VI.

Se, pois, por ministério, por obediência (portanto não pelo desejo imoderado de experimentar, de viver de qualquer maneira a vida do mundo, nem por um estéril e certamente nocivo mimetismo com o mundo) somos convidados a caminhar em direção a êste mundo “secularizado” para levar a êle sinceramente o Cristo, a primeira condição insubstituível é que nos abramos mais e mais ao Cristo.

Ora o perigo maior está exatamente no fato que a “secularização” externa nos leve à secularização interna, isto é a não ter mais em conta a “Graça” que é fundamento de tôda a vida religiosa. Portanto, se alguma coisa fôr necessário ceder no plano exterior, insista-se mais fortemente sôbre a relação pessoal com Deus. Direi que se trata quase de uma lei que aparece evidente na vida física: se alguém está obrigado a viver no gêlo do pólo, providência para que a alimentação, o yestuário, tôda a conjuntura da vida compensem e de algum modo imunizem o organismo dos efeitos da baixíssima temperatura do ambiente.

Pois bem, “animação” e “imunização” da nossa ação “exterior” não se vê como se possam obter sem oração que quer dizer acima de tudo meditação, sem aquela restauração da alma que nos retiros periódicos se põe em contacto com Deus e dêles atinge novas energias, sem aquêle alimento divino que é verdadeira comida dos que devem enfrentar a difícil caminhada pelas estradas do mundo de hoje, sem a leitura atenta e refletida dos livros sagrados e de espiritualidade que iluminam e sustentam.

Falsa miragem do messianismo social

No fenômeno da “secularização” há um outro aspecto que interessa não somente à nossa pessoa de religiosos como a de apóstolos. Hoje muitas vezes, exatamente em nome dela ou, — como costumam dizer — do “horizontalismo” se quer fazer do cristianismo um messianismo social e vivê-lo reduzindo o testemunho cristão ao aspecto de serviço social, como se o Cristo houvesse ensinado tão somente o amor do próximo e isso não fôsse ao invés uma consequência do amor de Deus.

Mas, como escreveu recentemente o Pe. Danielou: “Se se reduz a caridade a uma simples doação humana, compreende-se como muitos não vêm mais aquilo que distingue um bom cristão de um bom marxista”. E o Cardeal Suenens, não menos claramente, num volume publicado faz pouco tempo, assim se exprime: “É necessário resistir à miragem de um messianismo social. A mensagem cristã, e, portanto, o apostolado da Igreja, pertence em primeiro lugar ao campo espiritual. “O meu reino não é deste mundo” disse Jesus. É necessário portanto distinguir bem a atitude da Igreja preocupada em levar a sua plena colaboração à solução de problemas sociais, da atitude dêsse messianismo falaz, que realiza bem-estar material, ou bem-estar temporal, sua única finalidade do caminho para o progresso. Não se pode esperar que melhore a condição social dos pobres, antes de pregar-lhes a mensagem evangélica”. (Suenens, “La corresponsabilité dans l’Église d’aujourd’hui”).

Então qual, na prática, a linha justa?

Admitido que “o fim próprio dessa atividade missionária é a evangelização da Igreja nos povos ou sociedades onde ainda não está radicada” (*Ad-Gentes*, 6), devemos antes de tudo reconhecer que não há contradição e mútua exclusão entre evangelização e progresso humano, antes um termo lembra o outro, embora um não inclua nem esgote o outro.

Mas é também verdade — como afirma o Pe. Chénu — que “a evangelização está na ordem diferente da civilização. Alimentar os homens não é salvá-los, embora a minha salvação me imponha alimentá-los. Promover a cultura não é ainda converter à fé”.

Concluindo: o progresso humano é já abertura para Deus se por progresso entendemos não somente o desenvolvimento econômico técnico, mas o desenvolvimento integral segundo a “*Populorum Progressio*”, isto é “voltado à promoção de *todo homem* e do *homem todo*” (14), isso exige orientação para Deus criador e “inserção no Cristo vivificador” (16).

Somente entendido assim — que é o sentido verdadeiramente cristão — é que o fim último do desenvolvimento humano coincide exatamente com o fim último das Missões.

É necessário, portanto, que cada um de nós tenha bem presentes esses princípios claros para mergulhá-los na atividade missionária que com as mais diversas nuances devemos exercer.

Acrescentando ainda que tais princípios são validíssimos também para os apóstolos que não são missionários no sentido estrito da palavra, mas pastorais. Quer dizer que toda a nossa atividade apostólica (chame-se Paróquia ou Centro Esportivo ou Juvenil, aula de canto, ou Curso Universitário) não pode dividir jamais os dois elementos de desenvolvimento humano e de evangelização; somente da ação harmoniosa e proporcionada desses dois elementos as nossas atividades resultarão apostolicamente positivas e fecundas.

“Nós somos os tempos”

Mas já é tempo de colocar um ponto final.

Voltando à lembrança que nos advém do Centenário da aprovação da nossa Congregação, não me parece estar fora da verdade se afirmo que a idéia da unidade na caridade,

nas idéias, no trabalho, foi uma das grandes idéias-fôrças com que Dom Bosco consolidou a sua família e que êle deixou em herança a seus filhos como distintivo característico, o segrêdo do successo apostólico.

“Unamo-nos em fazer o bem”, deixou escrito no regulamento dos cooperadores. ‘Permanecei unidos, repetia frequentemente aos ex-alunos. “Vivamos *in unum* na caridade” é um lembrete constante que êle fêz entender incansavelmente aos irmãos, imitando a exortação de São João Evangelista à caridade fraterna. Permití que repita a insistente exortação de Dom Bosco, com o seu mesmo espírito, neste ano Centenário da Congregação, enquanto nos preparamos para a “grande emprêsa” do próximo Capitulo Geral Especial.

E concluo com um augúrio para cada um de vós. Foi o augúrio que me fêz um querido irmão e me parece tão atual, embora dos tempos de Santo Agostinho, que estou certo encontrará o vosso agrado empenhando-vos na sua realização. Ei-lo: “os tempos são tão tristes. Vivamos bem, e os tempos serão bons. Nós somos os tempos”.

Êste augúrio vai acompanhando cordialmente com a minha saudação e a minha prece. Também vós rezai muito por mim.

Afeiçoadíssimo
Sac. Luís Ricceri
Reitor-Mor

II. DISPOSIÇÕES E NORMAS

1 — Instrução sobre o “aggiornamento” da formação para a vida religiosa”

Entre os documentos que apresentamos, vai a tradução oficial do texto cuidado pela Congregação dos Religiosos e dos Institutos seculares, a “instrução sobre o adequado renovamento da formação para a vida religiosa”, emanado pela mesma Sagrada Congregação com data de 6 de Janeiro de 1969.

Trata-se de um documento, que há tempo esperávamos, de máxima importância. É necessário, pois, antes de mais nada conhecê-lo clara e seguramente; somente assim se poderá ter uma exata e equilibrada aplicação das normas contidas na instrução. evitando interpretações não autênticas, iniciativas arbitrárias, experiências improvisadas ou pouco oportunas. Exige-o a tarefa muito delicada da formação dos nossos jovens irmãos, especialmente nestas horas e o respeito pelas disposições e competências que estão claramente indicadas na instrução.

O Conselho Superior por sua parte terá todo o cuidado em estudar com solicitude o documento por inteiro para dar quanto antes, também através dos Superiores Regionais, as necessárias e úteis instruções e indicações exatadas.

2 — Pesquisas no Arquivo Central

Os irmãos que pretendem ^opesquisar no Arquivo Central da Congregação tenham a bondade de munir-se de uma carta de apresentação de seu Inspetor.

3 — Exatidão a respeito do prospecto estatístico das Inspetorias

Quando uma Inspetoria tem irmãos em casas de formação de outras Inspetorias, no Módulo “B” (prospecto estatístico), na primeira coluna, depois do elenco das casas da Inspetoria deve se acrescentar

“Pessoal em formação fora da Inspeção”

e elencar as várias casas de formação, nas quais se encontram noviços, clérigos filósofos e teólogos, coadjutores do Magistério dos quais se transportará o número no quadrado (casella) correspondente.

Para evitar, pois, que êsses elementos sejam elencados duas vêzes, a Inspeção na qual se encontram as Casas de formação colocará tão sòmente o número dos irmãos em formação que pertencem à mesma Inspeção.

III. COMUNICACÕES

1 — Concessão para ordenações de subdiáconos e diáconos

O Reitor-Mor solicitou à Sagrada Congregação dos Religiosos e dos Institutos Seculares a prorrogação da faculdade concedida a 18 de Fevereiro de 1967 para admitir ao diaconato os subdiáconos ao término do terceiro ano do curso de teologia (*expleto tertio anno cursus theologici*) e os diáconos ao presbiterato durante o quarto ano do curso de teologia. (*progreidente quarto anno sacrae Theologiae*).

A Sagrada Congregação, com data de 18 de Outubro de 1968 atendeu à solicitação prorrogando o indulto "*ad quinquennium*".

Os Inspectores que desejem aproveitar essa concessão solicitem-na do Reitor-Mor, especificando os motivos do seu pedido.

IV. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR E INICIATIVAS DE INTERESSE GERAL

A) *Preparação do Capítulo Geral Especial*

Os últimos três meses de 1968, aos quais se refere a crônica deste número dos "Atos do Conselho Superior", foram consagrados de preferência, no que se refere ao interesse geral da Congregação, ao enquadramento dos programas de trabalho para a preparação do próximo Capítulo Geral Especial.

A Comissão Técnica, encabeçada pelo Pe. Scrivo, a 1.º de outubro de 1968, estudou e propôs o *iter* para a preparação do Capítulo Geral Especial e formulou os Temas Gerais. Feita a comunicação às Casas e a cada um dos Irmãos com um número especial dos "Atos", foi realizada uma ação da mais exata e ampla informação aos Inspetores em reuniões e encontros adrede, que se realizara em toda a Congregação sob a guia do Pe. Scrivo.

Consta que já em todas as Inspetorias e nas Casas está encaminhado com muito empenho o trabalho das Comissões e que se realizara ou se estão realizando os Capítulos locais para a eleição dos Delegados ao Capítulo Geral Especial.

De muito agrado foram também em toda a parte as "novas normas" comunicadas no número especial 255 dos "Atos", de acordo com as quais nos próximos Capítulos Gerais Especiais participarão, além dos Diretores e Delegados de cada Casa, também os representantes de toda a Inspetoria escolhidos através da chamada "Lista Inspetorial".

Estão em preparação as listas dos peritos de toda a Congregação das quais deverão ser escolhidos os membros das Comissões preparatórias centrais do Capítulo Geral (veja A.C.S.; n. 254, página 10).

B) *Encerramento do Centenário da Basílica de N. S. Auxiliadora.*

Entre os acontecimentos que se desenvolveram ao apagar das luzes de 1968 está em primeiro lugar o solene encerramento do Centenário

de N. S. Auxiliadora. Na Sessão Acadêmica comemorativa do dia 17 de dezembro, abrilhantada pela presença de Autoridades e hóspedes ilustres, além da comunidade dos Salesianos e filhas de Maria Auxiliadora, e na concelebração do dia da Imaculada Conceição, presidida pelo Em. Cardeal Miguel Pellegrino, com a participação de Irmãos que representavam quase tôdas as nações onde se desenvolve a obra Salesiana, foi recolhido o eco de tôdas as celebrações do ano Centenário.

Foram lembradas as peregrinações que reconduziram à Basilica de N. S. Auxiliadora numerosíssimas falanges de fiéis Salesianos e não Salesianos e foi ilustrado a significação que o Centenário assumiu para a nossa Família: uma volta àquela que inspirou D. Bosco, que o ajudou a difundir a sua obra por todo o mundo, e constitui ainda hoje o centro de irradiação e o centro espiritual de todo o nosso apostolado a serviço da Igreja.

Experimentamos novamente durante o Centenário a presença da Virgem Auxiliadora no meio de nós e a Congregação renovou tôda a sua confiança nEla para o nôvo caminho que tem pela frente neste período pós-conciliar.

A premiação do “Concurso Internacional M. A. 68” trouxe a Turim os vencedores de várias nações, entre os quais um jovem filipino do longínquo Oriente.

Os vistosos prêmios, oferecidos pelo Reitor-Mor, pelo Prefeito e pelo “Síndaco” de Turim, pela S. E. I. e pela L. D. C., a atenção se voltava à missão catequística própria da nossa Congregação. Os jovens foram os grandes protagonistas das festas Centenárias com o fervor transmitido nas peregrinações e nas funções religiosas do Santuário: a premiação do concurso mariano foi, quase simbòlicamente o justo reconhecimento da sua presença animadora no grande acontecimento centenário.

C) *Atividades do Conselho Superior*

O Reitor-Mor de 24 de outubro a 16 de novembro realizou uma viagem ao extremo Oriente, por ocasião do Encontro dos Inspetores e Diretores, que se realizou em Hong-Kong de 28 a 30 de outubro p. p.

Como foi amplamente ilustrado no “Boletim Salesiano” êle fez uma rápida visita a muitas Casas das Inspetorias Chinesas, Japonesas, Filipinas, Siamesa e do Oriente Médio, tendo estado em contato com várias centenas de Irmãos aos quais pôde sempre dirigir a sua palavra, entretendo-se com êles num diálogo familiar e interessante.

No mês de janeiro de 1969, e exatamente entre 14 e 16 de janeiro, o Reitor-Mor esteve presente em Roma à abertura oficial do Capítulo Geral das filhas de Maria Auxiliadora, na qualidade de Delegado Apostólico da Santa Sé para o mesmo Instituto.

Os Conselheiros Regionais, durante êsse período, visitaram as seguintes Inspetorias: o Pe. Giovannini, a Inspetoria da Ligúria-Toscana; o Pe. Segarra, as Inspetorias de Madrid e Valência; o Pe. Schure, as Inspetorias da França do Norte, da Bélgica do Norte e Alemanha do Norte; o Pe. Garnero, as Inspetorias de São Paulo e Mato Grosso; o Pe. Castillo, as Inspetorias de Bahia Blanca (Argentina) e Montevidéo (Uruguay); o Pe. Tohill as Inspetorias da Tailândia e de Hong-Kong e as Casas da Coréa.

O Pe. Bellido visitou os noviciados da Itália e também o Noviciado da Espanha. O Pe. Pianazzi visitou quase todos os estudantados filosóficos e teológicos da Itália, e na primeira metade de janeiro pôde realizar pela primeira vez a visita às Casas de formação da Jugoslávia.

D) *Iniciativas de interesses diversos*

Entre as atividades e as iniciativas que se desenvolveram nesses últimos meses lembramos aquelas que tiveram maior realce.

Encontro dos Inspetores e dos Diretores do Extremo Oriente, realizado em Hong-Kong de 28 a 30 de outubro de 1968.

O Pe. Scrivo pregou os exercícios Espirituais e assistiu às reuniões, presididas pelo Reitor-Mor. Foram tratadas questões referentes ao governo das Casas com relação à comunidade religiosa, à Pastoral Juvenil e aos Apostolados Sociais.

Encontro de promotores vocacionais e de irmãos adidos às Casas de formação, realizado em Roma entre 20 e 21 de janeiro e presidido pelo Pe. Bellido. Foi intercâmbio útil de experiências, levadas a efeito depois da instituição dos Promotores e foi relevado com satisfação que êsse acontecimento melhorou de muito a seleção dos aspirantes.

Encontro de Diretores e expertos no Apostolado Juvenil, realizado em Goiânia, de 8 a 10 de novembro, para a Inspetoria da Alemanha do Norte, com a participação dos Delegados da Alemanha do Sul: notável a resolução de realizar em três casas — respectivamente um aspirantado, um pensionato operário e uma casa de excepcionais (disadattati) — uma experiência-pilôto de catequese, de vida litúrgica e de orientação pessoal dos meninos sob a guia de uma comissão pedagógica especializada.

Assembléia Geral do C. I. P. E., realizada no fim do mês de setembro em Fortim Mercedes (Argentina). O C. I. P. E. (Centro de In-

investigação e Promoção da Educação) é uma associação de Irmãos qualificados das Inspetorias Argentinas que se interessam pelo estudo dos problemas salesianos e educativos e oferecem a sua assistência às atividades educacionais das nossas obras. Neste ano foi tratado o tema: "Teologia conciliar da vocação e pastoral das vocações na Argentina de hoje". Os trabalhos da Assembléia foram preparados com uma ampla pesquisa realizada entre todos os Salesianos da Argentina sob o título: "Porque faltam vocações".

De 2 a 4 de novembro, o Pe. Pianazzi presidiu em Roma ao 4.º Encontro de Diretores e professôres dos Estudantados Teológicos da Itália, durante o qual foram estudados os problemas inerentes ao enfoque da vida religiosa nos mesmos Estudantados.

Em Quito, sob a presidência de Pe. Pintado e do Inspetor Pe. Botta e com a presença do Pe. Francisco Láconi, encarregado do escritório missionário central, foi realizado o Encontro de Pastoral Missionária, com a participação de salesianos e filhas de Maria Auxiliadora. Obteve-se proveitoso intercâmbio de experiências e o estudo aprofundado das orientações conciliares do pós-Concílio.

No campo missionário podemos assinalar ainda a iniciativa da Inspetoria da Alemanha do Norte que, não tendo uma revista própria missionária, oferece a sua colaboração à revista missionária alemã "Kontinente": essa revista concede quatro páginas exclusivamente para as informações missionárias salesianas.

Em Frascati (Roma) foi realizado, por iniciativa da revista "Note di Pastorale Giovanile", um Encontro de estudo sobre a educação dos adolescentes para a penitência. O Encontro, com o número propositalmente reduzido de participantes, consagrou o primeiro dia à análise da situação sob o ponto de vista sociológico e psicológico; o segundo dia ao aprofundamento teológico da Penitência; o terceiro dia à problemática mais particularmente pedagógica. Os resultados do Encontro serão publicados em um número monográfico de "Note di Pastorale Giovanile".

V. DOCUMENTO

INSTRUÇÃO SÔBRE O ADEQUADO RENOVAMENTO DA FORMAÇÃO PARA A VIDA RELIGIOSA

PROÊMIO

O Concílio Ecumênico II do Vaticano ao empreender a obra da renovação, para que a Igreja pudesse dispor de maior abundância de forças espirituais e estivesse melhor preparada para anunciar a mensagem da salvação aos homens do nosso tempo, dispensou também não leves cuidados às pessoas que seguem o dom divino da vocação religiosa e pôs em maior evidência a natureza, razão de ser e importância daquele gênero de vida (cf. *Lumen Gentium*, n. 43ss; *Perfectae Caritatis*). A respeito da sua condição no corpo da Igreja afirmou o seguinte: "O estado de vida constituído pela profissão dos conselhos evangélicos, embora não faça parte da estrutura hierárquica da Igreja, pertence contudo firmemente à sua vida e à sua santidade" (*Lumen Gentium*, n. 44).

Além disso, "sendo função própria da Hierarquia eclesiástica apascentar o Povo de Deus e conduzi-lo a abundantes pastagens (cf. *Ez 34,14*), a ela compete também regular sapientemente com suas leis a prática dos conselhos evangélicos, que promovem de modo singular a perfeição da caridade para com Deus e para com o próximo. Seguindo com docilidade os impulsos do Espírito Santo, a mesma Hierarquia aceita outrossim as regras propostas por homens e mulheres insígnies; e, depois de convenientemente revistas, aprova-as autenticamente, ao mesmo tempo que com a sua autoridade vigilante e protetora vem a cada momento em auxílio dos Institutos, erigidos por tôda parte para edificação do Corpo de Cristo, para que cresçam e floresçam segundo o espírito dos fundadores" (*Ib.* n. 45).

É não obstante também certo que o esforço generoso, e muito particularmente a renovação da vida espiritual, evangélica e apostólica que deve animar os diversos Institutos na prossecução infatigável de uma caridade cada vez mais perfeita, dependem principalmente daqueles que receberam, em nome da Igreja e com a graça do Senhor, a missão de governar os mesmos Institutos, e bem assim da generosa colaboração de todos os seus membros. Decerto na própria natureza da vida religiosa, como aliás na da mesma Igreja, está radicada a exi-

gência de alguma estrutura, sem a qual nenhuma sociedade, ainda que sobrenatural, poderia atingir o seu fim, nem estar em condições de escolher os meios mais apropriados para o alcançar.

Por tal motivo a Igreja, ensinada também por uma experiência de séculos, foi levada a formular pouco a pouco um conjunto de normas canônicas, que muito contribuíram para a firmeza e o incremento da vida religiosa nos tempos passados. Presentemente ninguém ignora que a renovação dos diferentes Institutos tal como é imposta pelas circunstâncias atuais, não se poderia realizar sem a revisão das normas canônicas respeitantes à organização e aos meios da vida religiosa.

Dado que “a apropriada renovação dos Institutos depende sobretudo da formação dos seus membros” (*Perfectae Caritatis*, n. 18), numerosas Congregações, tanto de homens como de mulheres, desejosas de concorrer para a renovação almejada pelo Concílio, têm-se esforçado, através de inquéritos sèriamente conduzidos e muitas vèzes por ocasião da preparação do Capítulo geral prescrito pelas Letras Apostólicas *Ecclesiae Sanctae II*, n. 3, por estabelecer as melhores condições de uma adequada renovação dos diferentes períodos da formação a dar gradualmente aos que se preparam para a vida religiosa.

Sucedeu assim que num certo número de votos foram formulados e transmitidos à S. Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares, especialmente por intermédio da União dos Superiores Gerais. Tendiam êsses votos a obter um alargamento das normas canônicas que regem atualmente a formação dos religiosos, de modo a permitir aos diversos Institutos, de harmonia com as instruções do decreto *Perfectae Caritatis*, n. 3ss., maior facilidade na adaptação do ciclo formativo à mentalidade das novas gerações, às condições da vida moderna e bem assim às exigências atuais do apostolado, sem prejuízo do carácter próprio e do fim particular de cada Instituto.

Mas é evidente que não se podem formular, de maneira determinante e precisa, novas leis, senão à luz de uma experiência realizada em escala suficientemente vasta e durante um período de tempo bastante longo, que permita chegar a uma conclusão objetiva. E isto é tanto mais verdadeiro, quanto é certo que a complexidade das situações, a sua variedade segundo os lugares e a rapidez das mudanças que as afetam não permitem aos que devem preparar os jovens de hoje para uma autêntica vida religiosa apontar a priori os melhores caminhos a seguir.

Por isso a S. Congregação para os Religiosos e Institutos seculares, depois de ter examinado atentamente as várias sugestões que lhe haviam sido apresentadas, relativamente os diversos períodos do ciclo de informação para a vida religiosa, julgou oportuno alargar algumas

das normas canônicas em vigor, com o fim de permitir as necessárias experiências. Todavia, se são atenuadas as normas jurídicas, é do maior interesse ter presente que isso não deve reverter em detrimento dos valores que a legislação passada tinha em vista salvaguardar. Com efeito, “é preciso reconhecer que as melhores adaptações às exigências do nosso tempo não produzirão os desejados efeitos se não forem animadas por uma renovação espiritual” (Ib. n. 2).

Portanto, para que a revisão dos meios e das normas de vida religiosa seja autêntica, exige-se que sejam de novo precisados quais os elementos principais da vida religiosa, que essas normas têm por fim salvaguardar. Por tal motivo e para melhor fazer comorender o significado das novas disposições contidas na presente Instrução, esta Sagrada Congregação julgou conveniente fazê-las preceder de algumas observações.

I. *Alguns princípios e diretivas*

1. Não apenas a variedade das situações, a que acima se fez alusão, mas também e sobretudo a crescente diversidade quer dos Institutos quer das suas atividades tornam cada vez mais difícil formular apropriadas diretivas, aplicáveis do mesmo modo a todos os Institutos e em tôdas as regiões. Por isso, as normas, bastante mais amplas, fixadas por esta Instrução, dão a cada Instituto a faculdade de adotar as soluções julgadas mais convenientes. Deve-se, porém, advertir que em matéria de formação e de educação mesmo as melhores soluções nunca poderão ser completamente iguais para um Instituto de homens e para um Instituto feminino. Do mesmo modo, os métodos e os meios de formação deverão ser diferentes, segundo se tratar de um Instituto votado à contemplação ou consagrado às atividades apostólicas.

2. As questões suscitadas pela faculdade concedida pela presente Instrução aos Institutos que o julgarem oportuno se substituir os votos temporários por vínculos de outro gênero induzem-nos a recordar de novo a natureza e o valor próprio da profissão religiosa. Esta profissão com efeito, mediante a qual os membros, “por meio dos votos ou de outros vínculos sagrados de sua natureza equiparados aos votos” (Lumen Gentium, n. 44), se obrigam à prática dos três conselhos evangélicos, constitui uma consagração total a Deus, que é o único digno de um dom tão absoluto por parte da pessoa humana. É por outro lado mais conforme à natureza de tal doação que ela tenha o seu complemento e a sua expressão mais perfeita na profissão perpétua, quer simples quer solene. Na realidade “esta consagração será tanto mais perfeita, quanto mais sólidos e estáveis forem

os vínculos que representam a união indissolúvel de Cristo com a Igreja, sua espôsa” (Ib.). Assim, a profissão religiosa constitui um ato de religião e uma especial consagração a Deus. Não só segundo a doutrina da Igreja, mas por ser da natureza mesma da consagração, o voto de obediência, com que o religioso consuma o despojamento de si mesmo, e com o qual, juntamente com os votos de pobreza e de castidade, oferece a Deus um sacrifício perfeito, pertence à essência da profissão religiosa (cf. *Perfectae Caritatis*, n. 14).

O religioso assim consagrado a Cristo fica por isso mesmo também consagrado ao serviço da Igreja, e, segundo a sua vocação própria, é conduzido a realizar a perfeição da caridade apostólica que o deve animar, quer numa vida tóda ordenada para a contemplação, quer nas mais diversas atividades do apostolado e da caridade. Convém no entanto não esquecer que, embora nos Institutos consagrados ao apostolado “a ação apostólica e de beneficência pertença à natureza mesma da vida religiosa” (Ib. n. 8), tal ação não constitui o fim primário da profissão religiosa; de resto, o mesmo apostolado pode perfeitamente ser realizado sem a consagração conferida pelo estado religioso, pôsto que a consagração religiosa possa, e até deva, contribuir para que aquêle que a ela foi chamado se dedique ao apostolado com mais empenho.

Se, portanto, há conveniência em renovar a vida religiosa nos seus meios e nas suas formas de realização, isso não significa de forma nenhuma que seja preciso mudar a substância mesma da profissão religiosa, nem diminuir as suas exigências: os jovens que nos nossos dias continuam a ser chamados por Deus ao estado religioso não se sentem menos desejosos, pelo contrário, de realizar plenamente esta vocação, com tódas as suas exigências, desde que certas e autênticas.

3. Contudo, além da vocação religiosa pròpriamente dita, o Espírito Santo não tem cessado de suscitar na Igreja, particularmente nestes últimos tempos, numerosos Institutos, cujos membros, ligados ou não por algum vínculo sacro, se propõem viver a vida comum e pôr em prática os conselhos evangélicos, com o fim de se dedicarem a diferentes atividades apostólicas ou caritativas. A Igreja sancionou e reconheceu a autenticidade destas variadas formas de vida; mas elas não constituem o estado religioso, ainda que muitas vêzes e até certo ponto lhe tenham sido equiparadas quanto à legislação canônica. Portanto, as normas e prescrições contidas na presente Instrução dizem diretamente respeito aos Institutos religiosos pròpriamente ditos. Contudo os outros Institutos poderão, se assim o entenderem, seguir tais normas no que se refere à conveniente formação dos seus membros e na medida em que mais se coaduna com a natureza das atividades, às quais se dedicam.

4. Várias coisas conhecidas e averiguadas aconselharam a conceder as faculdades contidas na presente Instrução, que convém expor brevemente.

A verdadeira formação para a vida religiosa em nossos dias parece que deverá ser cada vez mais gradual e prolongar-se por um período de tempo mais longo; deverá com efeito abranger, não apenas o tempo do noviciado, mas também os anos que se seguem ao primeiro compromisso temporário. Durante este ciclo de formação, o noviciado deve conservar a sua função insubstituível e privilegiada de primeira iniciação à vida religiosa. Este fim poderá ser atingido, se o noviço não possuir já um mínimo de preparação humana e espiritual, que será conveniente não só examinar mas também, em muitos casos, complementar.

Na verdade, o noviciado deve situar-se para cada candidato no momento em que êle, tendo tomado consciência do chamamento de Deus, chegou a um grau de maturidade humana e espiritual que lhe permita, com a devida responsabilidade e liberdade, tomar a decisão de responder àquele chamamento. Não se deve portanto dar entrada na vida religiosa sem que tal decisão tenha sido tomada livremente, e sem que tenha sido aceito o desprendimento, dos homens e das coisas, que ela comporta. Esta primeira decisão não requer todavia necessariamente que o candidato se encontre em estado de poder realizar desde logo tôdas as obrigações que a vida religiosa e as atividades do Instituto exigem, mas deve ser julgado capaz de lá chegar gradualmente. A maior parte das dificuldades que se encontram em nossos dias na formação dos noviços derivam do fato de êles, no momento da sua admissão no noviciado, não possuírem o mínimo de maturidade.

Portanto a preparação para a entrada no noviciado demonstra-se tanto mais necessária, quanto menos impregnado de cristianismo o mundo se encontra. Na maior parte dos casos é indispensável de fato uma adaptação psicológica e espiritual, que se faça gradualmente, a fim de preparar os espíritos para certos desprendimentos, com que a pessoa se separa da vida e hábitos do mundo. Os jovens de hoje que se sentem atraídos para a vida religiosa não buscam uma vida fácil, pelo contrário, aspiram grandemente ao absoluto, ainda que a sua vida de fé assente muitas vezes sôbre conhecimentos doutrinais elementares, não proporcionados ao desenvolvimento dos seus conhecimentos profanos.

Donde se segue que todos os Institutos, mesmo aquêles cujo ciclo de formação não inclui o postulado, devem dar grande importância a esta preparação para a entrada do noviciado. Nos Institutos que têm escolas apostólicas, seminários ou colégios, ou candidatos à vida religiosa passam por assim dizer diretamente para o noviciado, sem outro

estágio preparatório. Convém no entanto repensar se convirá continuar com o mesmo sistema, isto é, de fazer passar sem transição os jovens de uma vida de estudo, em internato, à vida do noviciado, ou se será preferível, a fim de conseguir uma melhor preparação da vida religiosa, fazer preceder a admissão ao noviciado de um período de provação suficientemente longo, feito em condições capazes de favorecer a maturidade humana e afetiva do candidato. Por outro lado, reconhecendo muito embora que os problemas se podem apresentar de maneiras diferentes, segundo a diversidade dos lugares, é preciso no entanto admitir que a idade requerida para a admissão ao noviciado deverá ser sensivelmente mais protraída do que até aqui.

5. Quando à formação a dar no noviciado dos Institutos dedicados às obras de apostolado, pareceu bem que ela deverá ter cada vez mais em conta a necessidade de preparar os noviços, desde o princípio e de uma maneira mais direta, para o gênero de vida e atividades, em que de futuro virão a ser ocupados, ensinando-os assim a realizar progressivamente na sua vida as condições da harmoniosa unidade que deve existir entre a contemplação e a ação apostólica; unidade que constitui um dos bens principais e fundamentais dos mesmos Institutos. A realização desta unidade supõe uma justa concepção das realidades da vida sobrenatural e das vias que conduzem a uma cada vez mais estreita união com Deus, na unidade do mesmo amor sobrenatural para com Deus e para com os homens, que se exprime umas vêzes na solidão de um comércio íntimo com o Senhor e outras numa entrega generosa às atividades apostólicas. Convém ensinar aos jovens religiosos que esta tão desejável unidade, na qual consiste o fundamento de tóda a vida religiosa, não pode ser plenamente realizada nem psicologicamente sentida no puro nível das atividades exteriores, porque ela reside na caridade divina, que é o vínculo da perfeição e ultrapassa todo o sentir.

A prossecução de tal unidade, que se não pode conseguir senão através de um caminho longo de renúncias e mediante um esforço constante de purificação da intenção no agir, exige que se observe fielmente a lei fundamental de tóda a vida espiritual, que consiste em estabelecer, ao longo da vida, uma alternção conveniente entre os tempos reservados à solidão com Deus e os tempos destinados às diferentes atividades, e às relações humanas que elas trazem consigo.

Foi, portanto, com o fim de facilitar aos noviços, mediante o exercício de certas atividades características dos seus Institutos, a possibilidade de descobrirem a importância desta lei e de principiarem a familiarizar-se com ela, que pareceu conveniente deixar aos Institutos, que o julgarem oportuno, a faculdade de introduzir no decorrer do noviciado estágios ou períodos de experiência, em função das atividades e do gênero de vida que lhes são próprios.

Convém, todavia, sublinhar que êstes estágios, destinados a integrar a formação do noviciado, não têm por fim dar aos noviços a formação técnica ou profisional requerida para certas atividades apostólicas, formação que lhes será dada mais tarde, mas sim contribuir, mediante o exercício dessas mesmas atividades, para lhes fazer compreender melhor as exigências da sua vocação à vida religiosa e como lhe devem permanecer firmemente fiéis.

Mas na realidade, em face da diversidade das atividades apostólicas que se lhes apresentam, não esqueçam os religiosos que, ao contrário do que sucede com os Institutos seculares, cujas atividades específicas se exercem através dos meios do mundo ou das responsabilidades temporais, êles devem antes de tudo, segundo os ensinamentos do Concílio, ser no seio da Igreja, e de modo especialíssimo, testemunhas de Cristo: “Empenhem-se os religiosos diligentemente para que por meio dêles, e cada vez mais perfeita e realmente, a Igreja manifeste Cristo, tanto aos fiéis como aos infiéis; Cristo, quer na sua vida de contemplação sôbre o monte, anunciando o Reino de Deus às multidões, curando os enfermos e convertendo os pecadores, quer ainda a abençoar as criancinhas e a espalhar sôbre todos os seus benefícios, cumprindo em tudo, por obediência, à vontade do Pai que o enviou” (Lumen Gentium, n. 46).

Os dons são de fato diversos; por isso, permaneça cada um firme na vocação para a qual foi chamado: uma é a missão dos que foram chamados ao estado religioso na Igreja, outra a missão dos Institutos seculares e outra, ainda, a missão temporal e apostólica dos leigos, que se não encontram de maneira pessoal consagrados a Deus nalgum Instituto.

É na perspectiva da própria vocação que a pessoa chamada por Deus ao estado religioso deve considerar o sentido da formação que principiará a receber no noviciado.

A natureza, portanto, e a importância educativa dos estágios, assim como a oportunidade de os introduzir no decurso do noviciado, deverão ser diferentemente apreciadas, segundo se tratar de Institutos de homens ou de mulheres, de Institutos votados à contemplação ou a atividades apostólicas.

Além disso, a eficácia desta formação, ao mesmo tempo que oferece maior liberdade e espontaneidade, depende também muito da firmeza e do bom-senso do Mestre de noviços e de todos aquêles que, após o noviciado, terão de contribuir para a formação dos jovens religiosos. Convém outrossim recordar a importância que no clima de tal formação desempenhará o ambiente de generosidade existente numa comunidade fervorosa e unida, no seio da qual os jovens reli-

giosos estarão em condições de aprender por experiência o valor do auxílio fraterno mútuo, mediante o qual poderão mais facilmente progredir e perseverar na sua vocação.

6. Para vir, portanto, ao encontro desta precisa necessidade de uma formação progressiva foi posta a questão do prolongamento do tempo de provação, que antecede os votos perpétuos, e da substituição dos votos temporários por vínculos, igualmente temporários, de outro gênero.

Convém, com efeito, que no momento de pronunciar os votos perpétuos o religioso tenha atingido aquêlê grau de maturidade espiritual requerido, para que o estado religioso, ao qual de modo estável e definitivo se vincula, seja efetivamente para êle um meio de mais facilmente alcançar a perfeição e maior caridade, e não um fardo demasiadamente difficil de levar. Contudo, se em certos casos o prolongar a provação temporária pode favorecer aquêla maturação, noutros poderá também originar inconvenientes, que convém mencionar. O fato de permanecer demasiado tempo num estado de incerteza nem sempre é fator positivo de maturação, e tal situação pode mesmo favorecer nalguns uma certa tendência à instabilidade. Note-se ainda que, nos casos de não admissão à profissão perpétua, o regresso à vida laical pode muitas vêzes criar problemas de readaptação, tanto mais difíceis e dolorosos quanto mais longo foi o tempo passado na vida religiosa. Tomem, portanto, os Superiores consciência da responsabilidade que neste campo pesa sôbre êles, não deixando por conseguinte para o último momento a decisão que poderia e deveria ter sido tomada mais cedo, de reenviar para o mundo o religioso.

7. Nenhum Instituto tome a decisão de usar da faculdade concedida por esta Instrução, de substituir os votos temporários por um compromisso de outra natureza, sem que primeiro tenha previsto claramente e estudado bem os motivos e a natureza de tal substituição. Não está, evidentemente, em discussão quanto importa àquela que ouviu o chamamento de Jesus, de deixar tudo e o seguir, corresponder generosamente e de todo o coração a êsse chamamento desde o princípio da vida religiosa: a emissão dos votos temporários corresponde perfeitamente a essa exigência. Conservando não obstante o caráter de provação, pelo fato de ser temporária, a emissão dos primeiros votos já torna o jovem religioso participante da consagração própria do estado religioso.

Contudo, a preparação para os votos perpétuos também se pode fazer sem a emissão de votos temporários. Com efeito, é mais frequente nos tempos atuais do que no passado verificar-se que alguns terminam o noviciado sem terem adquirido a maturidade religiosa suficiente para se ligarem logo pelos votos religiosos, sem que, todavia,

se possam pôr em dúvida a sua generosidade e a autenticidade da sua vocação ao estado religioso. Esta hesitação a pronunciar os votos deriva muitas vêzes da consciência profunda que êles têm das exigências e da importância da profissão religiosa perpétua, à qual aspiram e para a qual desejam preparar-se melhor. Foi por tal motivo que pareceu bem a alguns Institutos que os noviços possam, no fim do noviciado, ligar-se por um compromisso temporário, diverso dos votos, e mais conforme com o duplo desejo que os anima de se ligarem a Deus e ao Instituto, e de se empenharem numa preparação mais completa para a profissão perpétua.

Qualquer que seja a forma de tal compromisso temporário, a fidelidade a uma autêntica vocação reclama que já nêle de algum modo se afirmem as mesmas exigências dos três conselhos evangélicos, e assim esteja já orientado para a única profissão perpétua, da qual deve ser como que a aprendizagem e preparação.

8. Quem toma o compromisso de seguir o Senhor na vida religiosa deve recordar-se das suas palavras: “Ninguém, que depois de ter pôsto a mão no arado, olha para trás é apto para o Reino de Deus”. (Lc. 9,62). Sucede, contudo, que as maiores dificuldades psicológicas e afetivas encontradas por alguns na adaptação progressiva à vida religiosa nem sempre estão resolvidas ao terminar o noviciado, sem que todavia se possa pôr prudentemente em dúvida a autenticidade da sua vocação. Em não poucos casos a licença de sair, prevista pelo direito, permitirá aos Superiores proporcionar a êsses religiosos a oportunidade de viverem fora da casa do Instituto, durante um certo espaço de tempo, a fim de poderem em melhores condições resolver as suas dificuldades. Contudo, noutros casos mais difíceis esta medida nem sempre bastará; os Superiores poderão então aconselhar os interessados a regressarem ao século, tendo em conta, se o caso tal sugerir, a faculdade concedida pelo n. 38 desta Instrução.

9. A formação religiosa, cada vez mais gradual, e racionalmente repartida em diversos períodos da vida de um jovem religioso, deve culminar numa séria participação para os votos perpétuos. E é desejável que êste ato, único e essencial, da consagração de uma pessoa a Deus, seja precedido de um tempo de preparação imediata suficientemente longo, passado em recolhimento e oração, como que à maneira de um segundo noviciado.

II. *Normas Especiais*

A Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos seculares, no intuito, portanto, de favorecer aquelas experiências necessárias e

úteis, susceptíveis de levar a uma renovação adequada dos processos de formação para a vida religiosa, depois de ter ponderado bem todos os problemas acima enumerados nas reuniões plenárias realizadas em 25 e 26 de junho do ano passado, por mandato especial do Sumo Pontífice Paulo VI, houve por bem estabelecer e promulgar, por meio da presente instrução, as normas que se seguem:

10. I — A formação para a vida religiosa abrange dois períodos principais e necessários, que são: o noviciado, e um tempo de provação; êste, que se segue ao noviciado, prolongar-se-á por um espaço de maior ou menor duração, de acôrdo com a índole própria dos diversos Institutos, e durante êle os membros permanecem ligados pelos votos, ou por outros vínculos temporários.

II — A provação prévia, por sua vez, cuja duração também varia, e que está prescrita nalguns Institutos sob o nome de postulado, precede habitualmente a admissão ao noviciado.

* * *

11. I — Esta provação prévia tem por fim, não sòmente permitir a formulação de um juízo acêrca das aptidões e vocação do candidato, mas também avaliar o nível dos seus conhecimentos em matéria religiosa, e, se necessário, completá-los, na medida em que isso pareça indispensável. Além disto, tem também por fim proporcionar uma transição gradual da vida do mundo para a vida do noviciado.

II — Durante o período desta provação deve se observar com especial cuidado se o candidato possui as necessárias qualidades de maturidade humana e afetiva, para a vida religiosa, de molde a poder-se esperar que o mesmo poderá vir a ser capaz de tomar sòbre si as obrigações de estado religioso e que virá, principalmente durante o período do noviciado, a fazer ultteriores progressos no sentido de uma maturidade cada vez mais completa.

III — Se nalguns casos mais difíceis, o Superior julgar conveniente, com o livre consentimento do próprio interessado, recorrer a um médico psiquiatra, verdadeiramente competente sob o ponto de vista profissional, prudente e seguro quanto a princípios morais, é para desejar, a fim de garantir melhores resultados, que êste exame se não faça sem que tenha passado um período suficientemente longo de prova, para que assim o especialista possa emitir o seu parecer em base a elementos fornecidos pela experiência.

* * *

12.I — Nos Institutos em que o postulado é obrigatório, seja por força do direito comum, seja em virtude das próprias Constituições, o Capítulo Geral, tendo presentes as normas desta Instrução, pode dispor o tempo do postulado daquele modo que fôr mais congruente com a melhor preparação para o noviciado.

II — Nos outros Institutos compete ao Capítulo geral determinar a natureza e a duração dêste período de provação prévia, que poderá variar segundo os candidatos. Para ser contudo eficaz, esta provação não deverá ser demasiado breve, sem, por outro lado, ultrapassar habitualmente o espaço de dois anos.

III — É para desejar que esta provação não se realize na casa do noviciado. Poderá mesmo haver vantagens em que ela, tôda ou ao menos em parte, transcorra fora das casas do Instituto, sejam os candidatos confiados à direção de religiosos qualificados e haja entre êstes e o Mestre de noviços uma colaboração assídua, de tal modo que se assegure a continuidade da formação.

* * *

13.I — A vida religiosa principia pelo noviciado. Qualquer que seja o fim peculiar do Instituto, o objetivo dêste é: que o noviço conheça as exigências primárias e principais da vida religiosa; e que, para alcançar a perfeição na caridade, comece a pôr em prática os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência, dos quais, quando chegar à altura, virá a fazer profissão “com os votos, ou outros vínculos sagrados de sua natureza equiparados aos votos” (Lumen Gentium, n. 44).

II — Naqueles Institutos em que “faz parte da própria natureza da vida religiosa a ação apostólica e caritativa” (Perfectae Caritatis, n. 8), sejam os noviços também gradualmente formados para se entregarem às atividades que estão de harmonia com o fim próprio do seu Instituto, procurando ao mesmo tempo obter aquela união íntima com Cristo, da qual deverá brotar tôda a sua atividade apostólica. (cf. *ibid.*).

* * *

14. Os Superiores, aos quais compete admitir os candidatos ao noviciado, devem ter o máximo cuidado em não admitir senão aquêles que se mostrem dotados de índole apropriada e de suficientes qualidades de maturidade, que se reputam necessárias para abraçar a vida religiosa própria do respectivo Instituto.

* * *

15. I — Para ser válido, o noviciado deve fazer-se numa casa para tal fim devidamente designada.

II — Demais, deve fazer-se em comunidade ou grupo de noviços, unidos entre si por caridade fraterna, sob a direção do Mestre. As condições de vida e a natureza das atividades e trabalhos a confiar aos noviços devem ser determinadas com o fim de ajudar e promover a sua formação.

III — Esta formação consiste principalmente, em conformidade com os ensinamentos que o Senhor nos deixou no Evangelho e com as exigências do fim peculiar e da espiritualidade própria de cada Instituto, em que os noviços aprendam progressivamente a desapegar-se de tudo aquilo que não diz respeito ao Reino de Deus, sejam iniciados na prática da humildade, da obediência, da pobreza, na oração insistente, ao manter a união habitual com Deus, juntamente com a disponibilidade à ação do Espírito Santo, e, finalmente, no prestar-se mutuamente auxílio espiritual, mediante uma caridade sincera e simples.

IV — O noviciado exige também que se dedique atenção ao estudo e meditação da Sagrada Escritura, e que seja ministrada instrução acêrca da doutrina e práticas da vida espiritual, enquanto necessária para o desenvolvimento da vida sobrenatural de união com Deus e à compreensão do estado religioso; além disso, devem os candidatos ter uma iniciação à vida litúrgica e espiritualidade própria do respectivo Instituto.

* * *

16. I — Para a fundação de um noviciado não é preciso licença da Santa Sé; mas compete ao Superior geral do Instituto, com o consentimento do respectivo Conselho e atendo-se às normas das próprias Constituições, determinar ou permitir essa fundação, estabelecer as suas modalidades particulares no que se refere às condições de vida, e fixar a sede do mesmo nalguma das casas do Instituto.

II — Para melhor satisfazer a algumas exigências da formação dos noviços, o Superior Geral do Instituto pode autorizar que o grupo dos mesmos noviços resida, durante determinados períodos, numa outra casa do Instituto, por êle designada.

* * *

17. O Superior geral do Instituto, sempre que seja necessário, com o consentimento do seu Conselho e ouvido o Superior provincial

interessado, pode autorizar a fundação de vários noviciados na mesma província.

* * *

18. Dada a grande importância que a vida de comunidade desempenha na formação dos noviços, quando o número reduzido dos mesmos não se demonstrar em condições de promover a vida comum, procure o Superior geral, se fôr possível, estabelecer o noviciado junto de uma comunidade do Instituto, que possa favorecer a ajudar a formação dêste pequeno grupo de noviços.

* * *

19. Em casos particulares, e a título de exceção, o Superior geral tem a faculdade de conceder, com o consentimento do seu Conselho, a algum candidato autorização para fazer o noviciado, válidamente, numa outra casa do seu Instituto, diferente da sede do noviciado, sob a direção de um religioso provento, o qual neste caso exerce as funções de Mestre de noviços.

* * *

20. O Superior maior, quando se verificar uma causa que êle julgue justa, pode autorizar que a emissão da primeira profissão se realize fora da casa do noviciado.

* * *

21. O noviciado que se tem vindo a descrever, para ser válido, deve abranger doze meses.

* * *

22. I — As ausências da comunidade e da casa do noviciado que, de uma vez só ou por várias vezes, ultrapassem três meses, tornam inválido o noviciado.

II — Para ausências inferiores a três meses, deixa-se ao critério do Superior maior decidir, em cada caso particular ouvido o Mestre de noviços e tendo na devida conta os motivos da ausência, se convirá ou não compensar o tempo que um noviço estêve fora, prolongando o noviciado, e determinar, eventualmente, a duração dêsse prolongamento. As Constituições do Instituto poderão também regulamentar êste ponto.

* * *

23.I — O Capítulo geral, com uma maioria de pelo menos dois terços dos votos, pode resolver, a título de experiência, que, para completar a formação dos noviços, se façam estágios formativos, um ou vários, no exercício de atividades que estejam em harmonia com a índole do Instituto, fora do noviciado. Isto, porém, deve decidir-se só na medida em que, segundo o parecer do Mestre de noviços, com o acôrdo do Superior maior, tal ou tais estágios se julgarem úteis à formação.

II — Estes estágios de provação formativa podem dizer respeito a um só, ou a vários, ou mesmo a todo o grupo dos noviços. Na medida do possível, os noviços não devem realizar isoladamente, mas antes em grupos, os estágios formativos.

III — Durante os estágios de atividade formativa, os noviços continuam sujeitos à direção do Mestre de noviços.

24.I — Todo o espaço de tempo que o noviço venha a transcorrer fora da casa do noviciado, por motivo dos estágios de atividade formativa, juntar-se-á aos doze meses de presença requeridos pelo n. 21 para a validade do mesmo noviciado; no entanto, a duração total do noviciado, assim aumentada, não ultrapasse os dois anos.

II — O noviço não deve ser pôsto a fazer êstes estágios de atividade formativa, senão depois de ter passado pelo menos três meses no mesmo noviciado; e, se os fizer, que sejam organizados de tal maneira que o noviço totalize pelo menos seis meses contínuos de presença no noviciado, e que regresse ao mesmo pelo menos um mês antes de se comprometer com os primeiros votos ou outros vínculos temporários.

III — Se para a formação do futuro noviço o Superior achar necessário que êle faça um estágio de atividade formativa antes dos três meses de presença requeridos no início do noviciado, êsse estágio poderá verificar-se como caráter de provação, mas o noviciado só começará depois.

* * *

25.I — A natureza da atividade formativa dêstes estágios fora da casa do noviciado pode ser diversa, conforme o fim dos Institutos e o gênero de obras a que se dedicam. Contudo, deverá sempre ser concebida e posta em prática em função da formação do noviço, ou, em certos casos, para melhor avaliar das suas aptidões para o tipo de vida próprio do Instituto. Além do aspecto de preparação progressiva para as atividades apostólicas, os estágios poderão também ter por finalidade fazer descobrir ao noviço as verdadeiras formas da po-

breza e do trabalho nas circunstâncias concretas da vida, contribuir para a formação do seu caráter e bom senso, para um melhor conhecimento dos homens, para o fortalecimento da sua vontade e desenvolvimento do seu sentido de responsabilidade pessoal, e, finalmente, para lhe proporcionar ocasião de um esforço de fidelidade à união com Deus, num ambiente de vida ativa.

II — Esta alteração de períodos de atividade e de períodos de recolhimento sagrado, dedicados à oração, à meditação ou ao estudo, que caracterizará a formação dos noviços, deve servir a estimulá-los a permanecerem-lhe fiéis, ao longo de toda a sua vida religiosa. É mesmo para desejar que tais períodos de recolhimento possam vir a ser regularmente predispostos, nos anos de formação que precedem a profissão perpétua.

26. Por motivos razoáveis, o Superior maior pode permitir que a primeira profissão seja antecipada, mas não mais de quinze dias.

* * *

27. Nos Institutos que têm diferentes noviciados, de acordo com as diversas categorias de religiosos, se as Constituições não dispuserem de outro modo, o noviciado feito numa categoria vale para a outra. Compete às Constituições fixar eventualmente as condições com as quais se poderá fazer esta passagem.

28. A índole e o fim especial do noviciado, e bem assim os vínculos de estreita amizade que deve existir entre os noviços, exigem na verdade uma certa separação do grupo dos noviços dos outros membros do Instituto. Todavia, os noviços podem ter, se o respectivo Mestre o julgar oportuno, contactos com as outras comunidades ou com os religiosos professos. É da competência do Capítulo Geral determinar o modo destas relações entre os noviços e os outros membros do Instituto, em conformidade com o espírito e a função do mesmo Instituto e atendo-se às circunstâncias particulares.

* * *

29.I — O Capítulo geral pode permitir ou prescrever, durante o ano regular do noviciado, alguns estudos, que sejam úteis para uma melhor formação dos noviços. Os estudos, porém, que tenham caráter doutrinário, devem ser orientados para o conhecimento amoroso de Deus e para o cultivo de uma intensa vida de fé.

II — São excluídos do período de tempo do noviciado, prescrito no n. 21, os estudos, mesmo teológicos e filosóficos, que se fazem

com o intuito de obter diplomas ou com o fim de alcançar uma qualificação profissional.

* * *

30. Tôdas as obrigações e trabalhos confiados aos noviços deverão ser feitos sob a direção e a vigilância do respectivo Mestre, que poderá fazer-se ajudar por outros religiosos idôneos e competentes. No desempenho dêstes encargos deve procurar-se acima de tudo a formação dos noviços e não os interesses do Instituto.

* * *

31.I — Na direção dos noviços, principalmente durante os períodos das atividades formativas, o respectivo Mestre tenha presentes êstes ensinamentos tão claramente enunciados pelo Concílio Vaticano II: “Para que os religiosos possam corresponder antes de tudo à sua vocação de seguir Cristo e servi-lo nos seus membros, é necessário que a sua ação apostólica brote da união íntima com Êle” (*Perfectae Caritatis*, n. 8). “Por isso mesmo, os membros de qualquer Instituto, buscando primeiro que tudo e unicamente a Deus, devem conciliar a contemplação, para a Êle aderirem de alma e coração, como o ardor apostólico, pelo qual devem associar-se à obra da Redenção e dilatar o Reino de Deus” (*Ib.* n. 5).

II — Para alcançar êste objetivo, êle deve ensinar os seus noviços:

1 — a procurarem em tôdas as coisas, tanto mais nas atividades do apostolado ou no serviço dos homens, como nos momentos consagrados à oração ou ao estudo silencioso, a pureza de intenção e a unidade da caridade para com Deus e para com os homens;

2 — a saberem usar dêste mundo como se dêle não usassem, quando as atividades próprias do seu Instituto os levam a ter que se ocupar das coisas humanas;

3 — a reconhecerem as próprias limitações no desempenho da ação que lhes é imposta, sem desânimo; e a esforçarem-se por orientar como deve ser a sua própria vida, convencidos de que ninguém pode dar-se verdadeiramente a Deus e aos seus irmãos, sem primeiro se possuir a si mesmo com humildade;

4 — a organizarem-se de tal maneira que, com vontade decidida e preparada para tomar iniciativas e tendo sempre em conta as exigências que a índole dos Institutos que se dedicam a atividades apostólicas cria, possam estabelecer o indispensável equilíbrio, tanto no plano humano como no espiritual, entre o tempo a consagrar ao

apostolado e ao serviço dos homens e o tempo, suficientemente longo, a dedicar à oração e à leitura meditada da palavra de Deus, em particular ou em comunidade;

5 — finalmente, na fidelidade a êste programa, necessário e principal para tóda a vida consagrada a Deus em Institutos dêste gênero, a procurarem fixar progressivamente o próprio coração na união com Deus e na paz que dimana do cumprimento da vontade divina, a cujas moções devem aprender também a estarem atentos, tanto nos deveres do próprio estado, como naquelas coisas que são exigidas particularmente pela justiça e pela caridade.

* * *

32.I — Entre os Superiores, o Mestre de noviços e os mesmos noviços deve reinar uma indispensável união de espirito e de corações; tal unidade, que dimana da verdadeira caridade, é absolutamente necessária para a formação dos noviços.

II — Os Superiores e o Mestre de noviços devem dar-lhes sempre testemunho de simplicidade evangélica e provas de amizade, unida à benignidade, e de respeito pela pessoa de cada um dêles, para que assim se consiga estabelecer um clima de confiança, de docilidade e de abertura de alma; dêste modo, estará o Mestre de noviços em condições de orientar a generosidade dos seus dirigidos para a entrega de si mesmos, para se darem totalmente a Deus em espírito de fé, e de os levar pouco a pouco, com a palavra e com exemplo, a descobrirem, no ministério de Cristo crucificado, as exigências da verdadeira obediência religiosa. Incite, pois, o Mestre os noviços “a colaborarem com obediência ativa e responsável no desempenho das próprias obrigações e no tomar iniciativas” (Ib. n. 14).

* * *

33. Compete ao Capítulo Geral determinar tudo o que diz respeito ao hábito dos noviços e dos demais candidatos à vida religiosa.

* * *

34.I — O Capítulo geral, mediante uma maioria de dois terços dos votos, pode decidir a substituição no seu Instituto dos votos temporários por outro gênero de laços, como seria por exemplo uma promessa feita ao próprio Instituto.

II — O aspirante à vida religiosa fica ligado por tal compromisso, tomado no final do noviciado, para todo o tempo de provação, que

se potrai até a profissão perpétua, ou até assumir aquêles vínculos sagrados, que nalguns Institutos fazem as suas vêzes (cf. supra n.º 3). Pode também dar-se o caso de alguém se ligar durante um período de menor duração, assim como de renovar várias vêzes o seu compromisso antes da emissão dos votos temporários.

* * *

35.I — Convém que êste compromisso temporário abranja já o exercício dos três conselhos evangélicos, a fim de constituir uma verdadeira preparação para a profissão perpétua. De fato, é conveniente manter a unidade da formação para a vida religiosa; embora esta formação se dê por terminada e de certo modo alcançada pela profissão perpétua, é necessário no entanto que seja realizada com afincio e exercitada durante um espaço de tempo suficientemente longo.

II — A profissão religiosa, única e perpétua, que adquire neste caso todo o seu significado, convém que seja precedida de um período de preparação imediata de certa duração, à maneira de um segundo noviciado, cujas modalidades e duração pertencem ao Capítulo Geral determinar.

* * *

36. Qualquer que seja a natureza do compromisso temporário, o seu efeito é vincular quem o assume ao seu Instituto e contrair a obrigação de observar a Regra, as Constituições ou outros regulamentos. É atribuição do Capítulo Geral precisar os demais aspectos e sancionar as conseqüências dêste compromisso.

* * *

37.I — O Capítulo geral, depois de ter ponderado tudo muito bem, deve estabelecer a duração dos votos ou compromissos temporários, que se fazem entre o fim do noviciado e a profissão dos votos perpétuos. A duração dêste tempo de prova não deve ser inferior a três anos nem superior a nove anos contínuos.

II — Permanece a prescrição de fazer a profissão dos votos perpétuos, antes da recepção das ordens sagradas.

* * *

38.I — Se algum membro, que tenha saído legitimamente do Instituto, seja por ter expirado o tempo de uma profissão ou compro-

misso temporário, seja por ter sido desligado desses vínculos, se apresentar outra vez, para ser readmitido nesse mesmo Instituto, o Superior geral, com o consentimento de seu Conselho, pode-o admitir, sem obrigação de recomeçar o noviciado.

II — O Superior Geral, no entanto, deve submetê-lo a um tempo de prova. Terminado êste, pode o candidato ser admitido aos votos temporários, ou aos compromissos de outro gênero, por um tempo que não seja inferior a um ano ou à duração da provação temporária que lhe faltava complementar, antes dos votos perpétuos, quando abandonou o Instituto. O Superior pode também exigir um tempo de prova mais longo.

III. *Execução das normas especiais*

Pelo que respeita à execução das presentes normas, observe-se quanto segue:

I — Permanecem válidas as normas do direito comum, salvo se forem derogadas pelas normas da presente Instrução.

II — As faculdades concedidas pela presente Instrução não podem em caso nenhum ser delegadas.

III — Sob o nome de Superior geral, entende-se também o Abade que preside a uma Congregação monástica.

IV — No caso de faltar ou estar impedido o Superior geral, são as mesmas faculdades concedidas àquele que segundo as Constituições aprovadas estiver fazendo as suas vêzes.

V. Pelo que respeita às religiosas consagradas unicamente à vida contemplativa, devem ser inseridas nas suas Constituições normas peculiares, e submetidas à competente aprovação. Podem no entanto ser-lhes aplicadas também as normas fixadas nos ns. 22, 26 e 27.

VI.1 — Quando algum Capítulo geral especial, prescrito pelas Mes-
tras Apostólicas Ecclesiae Sanctae, já se tiver realizado, compete ao Superior geral e ao seu Conselho, depois de terem ponderado atentemente tôdas as circunstâncias, decidir colegialmente se convém convocar um Capítulo geral para se pronunciar sôbre as faculdades que lhe são concedidas ou se será preferível esperar pela reunião do próximo Capítulo geral.

2 — No caso em que o Supervisor geral e o seu Conselho julguem demasiado gravosa ou impossível a convocação de um Capítulo geral, e, por outro lado, lhes pareça urgente para bem do Instituto a

aplicação das faculdades reservadas à decisão do Capítulo geral, o mesmo Superior geral e o seu Conselho podem colegialmente decidir pô-las em vigor, tôdas ou só algumas delas, até ao próximo Capítulo, contanto que tenham sido prèviamente consultados os demais Superiores maiores, com os respectivos Conselhos, e obtido o consentimento de dois terços dêles. Os mesmos Superiores maiores deverão consultar antecipadamente os professos perpétuos dêles dependentes. Nos Institutos não divididos em províncias o Superior geral deverá consultar os professos perpétuos e obter o consentimento de dois terços dêles.

VII — Estas normas, dadas com caráter experimental, entram em vigor na data de promulgação da presente Instrução.

Roma, Palácio da S. Congregação para os Religiosos e Institutos seculares, aos 6 de janeiro, Festa da Epifania do Senhor, do ano de 1969.

I. Card. Antoniutti,
Prefeito

† Antônio Mauro,
Arceb. Tit. de Tagaste,
Secretário

2 — Novas normas para o Capítulo Inspetorial

Solicitação endereçada pelo Reitor-Mor à Santa Sé para a aprovação das novas normas propostas para a composição do Capítulo Inspetorial e rescrito com a resposta afirmativa da Sagrada Congregação dos Religiosos e Institutos seculares (Veja A. C. S., n. 255).

Direção Geral das Obras de Dom Bosco

O Reitor-Mor

Eminência Reverendíssima.

o nosso 19.º Capítulo Geral, celebrado em 1965, no documento I, capítulo II, assim determinava: “O Capítulo Geral examinou com atenção o problema duma composição mais amplamente representativa do Capítulo Inspetorial. Após uma larga e profunda discussão, o Capítulo Geral exprime o voto a favor de uma mais ampla funcionalidade

representativa do Capítulo Inspetorial: contudo, perante as grandes e múltiplas dificuldades práticas e pelo contraste de soluções propostas, reputando-se impossível uma decisão concreta e imediata, delibera que o Conselho Superior estude e faça estudar o problema para poder apresentar à discussão e à eventual aprovação do próximo Capítulo Geral um plano bem definido para atuação do seu voto". (Atos C. G. pág. 25).

Atendendo a essa deliberação capitular, o Conselho confiou o estudo do problema à Comissão encarregada da preparação técnica composta de elementos internacionais.

As conclusões da Comissão foram submetidas a um exame cuidadoso por parte do Conselho Superior que assim esteve em condições de elaborar um novo sistema de votação para a composição do Capítulo Inspetorial.

Parece-me oportuno, de pleno acôrdo com o Conselho, que a nova fórmula possa ser experimentada já nos Capítulos Inspetoriais que se realizarão brevemente em preparação ao Capítulo Geral Especial.

Assim o Conselho poderá pronunciar-se não só sobre uma fórmula mas sobre uma experiência concreta.

Desde que o novo sistema de votação derroga os artigos das constituições 99-102 solicito a essa Sagrada Congregação a faculdade e autorização necessárias para que os futuros Capítulos Inspetoriais tenham uma composição diversa daquela prevista pelas Constituições em vigor, e respondam ao invés às normas que aqui se anexa em duas vias.

Renovo a vossa E. Revma. os augúrios mais fervorosos da Congregação Salesiana para as próximas festas natalinas e envio atenciosos obséquios.

Pe. Luis Ricceri,
Reitor-Mor

Em. Revma. Sr. Cardeal
Card. Ildebrando Antoniutti
Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos e Instituto Seculares
Roma.

Sacra Congregatio
Pro Religiosis
Et Institutis Saecularibus
Prot. N. 2306-68

Beatissime Pater,

Rector Maior Societatis S. Francisci Salesii a Sanctitate Tua humiliter implorat dispensationem ab aliquibus praescriptis Constitutionum, ut Sodales maiorem participationem habere valeant in Capitulis Provincialibus ad mentem Concilii Oecumenici Vaticani II celebrandis.

Et Deus, etc. . . .

Vigore facultatum a Summo Pontifice tributarum, Sacra Congregatio pro Religiosis et Institutis Saecularibus, attentis expositis, annuit pro gratia iuxta ea quae in annexis foliis exponuntur, servatis ceteris servandis.

Contrarii quibuslibet non obstantibus.

Datum Romae, die 20 Decembris, 1968.

Ant. Mauro
a secr.

D. M. Huot
subs.

3 — Ordenação antecipada de subdiáconos e de diáconos

Faculdade renovada para o Reitor-Mor para a atencipação da Ordenação de subdiáconos e de diáconos.

Sacra Congregatio	F. 5 341
pro religiosis	
et Institutis Saecularibus	210
Prot. N. 12857-67	

Beatissime Pater,

Rector Maior Societatis S. Francisci Salesii, archidioecesis Teurinen; a Sanctitate Tua humiliter implorata prorogationem rescripti diei 18 Februarii, 1967, N. 12857-67, quo concessa est facultas promovendi subdiaconos ad diaconatum expleto tertio anno S. Theologiae, et diaconos ad Prenbyteratum progrediente quarto anno, iisdem perdurantibus causas.

Et Deus, etc.

Vigore Facultatum a Summo Pontifice concessarum, Sacra Congregatio pro Religiosis et Institutis Saecularibus, attentis expletis, benigne annuit pro gratia prorogationis enunciati indulti ad quinquennium, servatis in reliquis illius forma et tenore.

Contrariis quibuslibet non obstantibus.

Datum Romae, die 18 Octobris 1968.

Ant. Mauro
a secr.

G. Boldeck

VI. MAGISTÉRIO PONTIFÍCIO

1 — Vista geral do panorama da Igreja

Discurso do Santo Padre no dia 23 de dezembro de 1968.

O costume nos leva a lançar, nesta ocasião, uma vista geral sôbre o panorama da Igreja.

Se examinamos o ano prestes a terminar — ano denso, também êste, de acontecimentos alegres e tristes para a humanidade — e se indagamos, de modo especial, o que êle tem significado para a Igreja, ouvimos ressoar opiniões e juízos diversos, não apenas na imprensa, que tem continuado a ocupar-se com os acontecimentos eclesiásticos de maneira e com interêsse todo especial, mas também da parte de homens que são diretamente protagonistas da vida da Igreja e, mais do que os outros, responsáveis por ela.

Opiniões e juízos de otimismo, quase sem reservas, por parte de alguns: e, se alguma menção menos otimista é feita por êles, diz respeito, principalmente, à apreensão excessiva e infundada, na opinião dêles, aos temores, às inquietas previsões, ao pessimismo, manifestado pelos outros. — Isto representa, no parecer dos primeiros — dos otimistas — um verdadeiro perigo para a Igreja de hoje: já que poderia levar a interpretar mal e a procurar sufocar fermentos e inquietações que são índice e nôvo surto de vitalidade, e que deveriam, antes, ser considerados com serenidade e estimulados como premissas de uma progressiva purificação e vitalização da Igreja, a fim de que ela possa tornar-se mais genuína e corresponder melhor às exigências da vontade do seu divino Fundador e das necessidades dos tempos.

Fidelidade ao Sucessor de Pedro

Colocado por Cristo, na qualidade de Sucessor de Pedro, como fundamento visível e Pastor universal da Igreja. Nós não podemos deixar de observar, com olhos particularmente vigilantes e atentos, a sua vida e o seu trabalho, e não podemos deixar de procurar interpretar nela os seus lados positivos e, eventualmente, os negativos: para dar graças a Deus pelos primeiros, esforçam-nos por sustentá-los e

desenvolvê-los; e, quanto aos últimos, os negativos, para examinar o que podemos e devemos fazer, em união de espírito, de oração e de vontade, com os nossos Irmãos do Episcopado, em tão grande medida responsáveis pelos destinos da Igreja.

Portanto, otimismo ou pessimismo, em nossa avaliação da situação presente da Igreja e de sua vida durante o ano que ora termina?

Quer-nos parecer que, graças a Deus, ali encontramos uma dose de bem e de esperança bastante maior do que a dos elementos que consideramos negativos, e que, mesmo quanto a estes últimos, é-nos lícito nutrir uma boa esperança de recuperação.

Induz-nos a isso, acima de tudo, a certeza dada pela experiência da decidida, consciente e inabalável fidelidade, da totalidade — podemos afirmá-lo, quase sem exceções — de Nossos Irmãos no Episcopado, à Igreja e ao humilde Sucessor de Pedro e Vigário de Cristo Nosso Senhor. Fidelidade que, demonstrada e reafirmada em situações e momentos nada fáceis, dá à Igreja a tranqüila segurança que lhe advém da união do Colégio Episcopal com o seu Chefe.

Conforta-nos a certeza, a experiência da fidelidade, comovedora e sincera, da maioria, verdadeiramente esmagadora, de Nossos Filhos, a nós irmanados pela graça do sacerdócio ou pela graça de redimidos por Cristo e participantes da sua Graça e das suas eternas promessas.

Por êsse motivo, confortam-nos os testemunhos que a nós chegam, repetidos e consoladores, de tôdas as partes do mundo, especialmente daquelas que têm permanecido, devido a circunstâncias exteriores, mais longamente afastadas de nós, e onde, ainda, a religião e a liberdade da Igreja sofrem limitações e restrições injustas: essas coisas como que fazem sentir mais vivamente a necessidade da união dos corações e da comunhão hierárquica com o centro da Igreja; reforçam os vínculos da caridade para com o Pai e os Irmãos, e revigoram a vontade de pertencer, na vida e na morte, em qualquer provação da vida, e, até ao próprio sacrifício dela, onde fôr mister, à Igreja: uma, santa, católica, baseada no fundamento apostólico e edificada sôbre a rocha contra a qual Cristo garantiu que, por sua virtude redentora, não poderiam prevalecer as forças adversárias.

Que devemos, então, dizer daqueles outros episódios — e não são poucos nem desconhecidos — que levam a falar de uma “crise” na Igreja: crise de fé e crise de disciplina?

Defesa da Verdade

Não queremos e não podemos alongar-nos, aqui, em um exame aprofundado dos fatos, para os quais, volta-se, no entanto, constante-

mente nossa atenção de Pastor e de Pai: estamos sempre aberto a uma compreensão sincera das dificuldades, aspirações, impaciências, que podem, por vezes, assumir tons e aspectos quase de revolta e de desconfiança; e estamos desejosos de responder-vos do melhor modo possível, mas, ao mesmo tempo, solícito, em cumprimento ao nosso dever, de salvaguardar o sagrado depósito de verdades e de normas de vida, que foi confiado à Igreja pelo seu Fundador e que nós devemos conservar essencialmente intacto, tal como nos foi transmitido, embora apresentando-o e aplicando-o de maneira correspondente às necessidades do mundo de hoje.

Certamente, não podemos calar a dor que nos aflige ao ver, por vezes, incompreendidos ou desfigurados os nossos intentos e até a Nossa palavra; e o receio de que um certo número — felizmente pequeno, mas, para nós, sempre por demais elevado — de nossos filhos, e, através deles, mais outros, dentre os menos defendidos e preparados, venha a se afastar do caminho reto e, atraído pelo amor da novidade e de mudanças, possa caber-lhe como se a êle tivessem sido dirigidas, as palavras do Apóstolo: “A veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur” (cf. 2 Tim 4,4).

É isso, e não uma temerosa visão das coisas, que causa a nossa insistência sôbre pontos que consideramos fundamentais para a ortodoxia doutrinária e para a boa organização da vida da Igreja, e que, para alguns, infelizmente mesmo sacerdotes ou pessoas consagradas à perfeição religiosa, parecem ter perdido nitidez de contornos ou segurança de verdade, seja no que diz respeito aos ensinamentos da fé, seja no que se refere aos princípios da chamada disciplina eclesiástica, que nada mais é senão a livre, voluntária e comprometida aceitação das relações, reciprocamente confiantes e cheias de respeito, entre autoridade, derivada de um mandato divino e obediência, a todos indispensável para penetrar no ministério de Cristo; pois, o próprio Cristo os estabeleceu como elementos essenciais, providenciais e característicos da sua Igreja, e que fazem desta, mais do que um exército rigidamente ordenado, uma grande e amorosa família, um povo imenso, e ao mesmo tempo, orgânica e hierarquicamente estruturado, na diversidade dos cargos e das funções, uma quanto à responsabilidade comum, para com Deus e os próprios Irmãos (cf. 1 Cor 12,4-31).

É, de fato, evidente que, sômente se souber conservar-se de tal modo amiga da verdade, unida e coesa como a quer o seu Divino Fundador, poderá a Igreja exercer plenamente a sua missão de luz e de santificação entre os homens. E poderá, assim, oferecer ao mundo a mais preciosa colaboração na obra da paz, de elevação hu-

mana e de progresso, à qual a sua própria natureza de sociedade de amor parece chamá-la.

O "Credo" do Povo de Deus

Por tais motivos, não nos foi possível subtrair-nos ao dever de reafirmar, diante e em nome de tóda a Igreja, como um Amém solene, no momento da conclusão do Ano da Fé, celebrado em recordação do XIX Centenário do martírio dos Apóstolos Pedro e Paulo, o Credo, tanto nosso como do Povo de Deus.

Também, pelos mesmos motivos, e para não defraudar a invocação, a expectativa, a necessidade do Povo de Deus, tivemos que dar a nossa resposta de Pastor de tóda a Igreja, às interrogações, propostas ao homem, ao cristão de hoje, sôbre o antigo problema de uma paternidade responsável e de uma honesta regulamentação da natalidade. Resposta esta, longamente meditada, porque quisemos que fôsem escrupulosamente examinadas as novas argumentações e objeções feitas contra o ensinamento comum e constante da Igreja, o qual nos apareceu, novamente, na sua severa mas, ao mesmo tempo, serena certeza.

A Encíclica "Humanæ Vitæ" e suas Providenciais Conseqüências

Não desconhecemos as diferentes reações suscitadas pelo nosso pronunciamento. De tódas tomemos nota, com o respeito que a todos devemos e com o propósito de não deixar faltar, no momento oportuno, as respostas que nos parecerem necessárias, especialmente no plano das preocupações pastorais. Mas, confiamos que desde agora o nosso ensinamento será recebido com puro espírito de fé, meditado com serena e ampla reflexão, reconhecido como conforme ao costume e ao sentimento cristão, acolhido como providente defesa da honestidade e da dignidade do amor, compreendido como aprendizagem da moralidade superior e da sincera espiritualidade da vida conjugal, praticado como robustecimento da instituição familiar e da sanidade social e abençoado com os prêmios que tornam virtuosa e feliz a vida presente e lhe preparam os da vida futura.

O cuidado da santa Igreja de Deus, cuidado que, embora amado e confiante, não deixa de ser pesado para as nossas humildes fôrças, nos leva a confiar, cada vez mais no auxílio precioso e na colaboração, não apenas do Sacro Colégio e dos órgãos da nossa Cúria, mas tam-

ném, e principalmente agora, no dos nossos Irmãos no Episcopado, espalhados pelo mundo e empenhados no serviço das diversas dioceses.

2 — Ideal da perfeição Religiosa na hora presente

Discurso do Santo Padre a 11 de novembro de 1968

Queridos filhos, um horário, infelizmente demasiado cheio, privamos do prazer de receber separadamente os membros dos Capítulos Gerais de cada uma das vossas Congregações. Mas não estais vós todos animados pelo mesmo ideal, o da perfeição religiosa? E, se as vossas três famílias — Beretinos Olivetanos, Padres do Espírito Santo, Irmãos Maristas —, estão atualmente reunidas em Capítulo Geral, não é talvez para revisar as próprias constituições particulares, à luz desse único ideal, levando em conta as condições presentes da vida da Igreja? Permitti pois, que tomemos esse fator comum como inspiração das breves palavras de boas vindas e de animação que vos desejamos dirigir.

Renúncia e amor

Sois religiosos. Quereis ser autênticos religiosos. Na vasta mudança da sociedade a que assistimos, é mais importante que nunca perguntar o que é essencial e insubstituível no gênero de vida que abraçastes, e o que pode e deve mudar de acôrdo com as circunstâncias dos tempos e lugares. E antes de tudo, o que é que não deve mudar? O que é que caracteriza uma verdadeira e autêntica vida religiosa, em todos os tempos e em todos os lugares? São as duas diretrizes fundamentais propostas pelo Cristo no Evangelho àqueles que o querem seguir mais de perto: duas diretrizes que se exprimem em duas palavras muito simples, mas ricas de conteúdo e que vós todos muitas vezes meditastes: renúncia e amor. Antes de tudo renúncia: "*Qui non renuntiat omnibus quae possidet non potest meus esse discipulus*" (Lc. 14,33). O religioso é um homem destacado, um homem separado, um homem que não divide a forma comum de vida fundada sobre a consecução do bem-estar e da prosperidade temporal: êle foge daquilo que o mundo busca. E ao contrário, êle procura aquilo de que o mundo foge. A penitência, a vida casta, a pobreza, o recolhimento, a submissão aos Superiores: Aquilo que polariza a existência do religioso, de fato, não é aquilo que se vê, mas aquilo que se não vê. Testemunha do invisível, êle faz sua a experiência de São Paulo e de todos os Santos, e repete com êles: "*Non contemplantibus nobis quae*

videntur. Quae enim videntur temporalia sunt, quae autem non videntur aeterna sunt” (2 Cor. 4,18). O eixo da sua vida é a oração, é a busca de Deus. E tocamos aqui o segundo elemento — mais fundamental ainda do que o primeiro — de toda a vida religiosa: o amor. Renúncia e amor: são como o direito e o avesso de um belo pano. Com a renúncia ao mundo, aos seus prazeres, às suas honrarias, às suas riquezas, o religioso aplainou o seu caminho para Deus. Mas é o amor que o atrai e o estimula: o amor que Deus tem por ele — amor recebido —, amor que ele tem por Deus — amor dado —. O amor é a perfeição; é o vértice; é aquilo que vale e permanecerá eternamente.

Isto portanto tem direito ao primeiro plano. E é por isso que é necessário reagir contra uma tendência moderna que consistiria em deslocar para um segundo plano na vida religiosa o colóquio com Deus, tanto interior quanto comunitário, assim como o rito litúrgico sacramental, para dar primazia e preferência e outras finalidades humanas, boas em si mesmas, sem dúvida, e dignas de serem perseguidas, mas sempre na dependência do fim primário, propriamente religioso, que deve inspirar, penetrar e santificar todo o resto.

A reforma daquilo que deve mudar

Uma vez asseguradas as bases daquilo que deve permanecer, pode-se sem medo abordar a reforma daquilo que deve mudar. A Igreja não somente autoriza mas vos exorta a fazê-lo. Certas formas contingentes da vida religiosa, são efetivamente o fruto de um contosto histórico ou geográfico hoje superado; não só não há inconveniente mas muitas vezes traz vantagem providenciar as necessárias modificações.

A tarefa implica riscos, vós mesmos sem dúvida sois os primeiros a advertí-lo: deixa-se uma praia conhecida e familiar, sem ver precisamente aonde se vai ancorar. É uma navegação perigosa que deve ter cuidado contemporaneamente de dois escolhos: um seria um apêlo sério e apaixonada à letra daquilo que sempre se observou no Instituto, uma fidelidade meramente testual e material: o outro seria o caminho fácil e mais perigoso ainda, da transformação arbitrária, sugerida não tanto pelo Espírito de Deus e pelas verdadeiras necessidades mas pela invasão o espírito naturalista e mundano. Cada Congregação tem o seu espírito, o seu estilo: é necessário que ela o conserve, mas de maneira apta, esteja de acôrdo com as suas possibilidades e com aquilo que impõe as suas possibilidades específicas na comunidade eclesial. Essa é a tarefa dos vossos Capítulos Gerais: que Deus os inspire os abençoe!

Total e generosa fidelidade à Igreja

Uma palavra ainda, queridos filhos que nos é sugerida pelas sugestões particulares dêste pós-Concílio. Permiti que vos diga aquilo que nós esperamos acima de tudo dos religiosos, no momento presente, aquilo que, nos parece deva ser, no mundo de hoje a vossa alegria, o vosso orgulho, a vossa alma, é uma total e generosa fidelidade à Igreja. Não a uma Igreja imaginária, que cada um conceberia e organizaria a seu bel-prazer mas a Igreja católica tal qual ela é, tal qual Cristo a quis e instituiu com as suas finalidades, as suas leis, os seus meios de salvação, as suas indispensáveis estrutura, aquilo que hoje se tem direito a esperar do religioso, é que êle verifique de dentro esta única verdadeira Igreja de Cristo e a fortifique e a enriqueça com a sua adesão, com a sua obediência, com as suas virtudes ascéticas e práticas, com a santidade de sua vida, com a sua maneira de cumprir as tarefas que lhe são confiadas.

Caros filhos, tende sempre diante dos olhos as grandes necessidades da Igreja: amai-a nas suas necessidades, amai-a ajudando-a com vosso serviço; amai-a na sua estrutura hierárquica e fraterna. Que longe de desanimar-vos as dificuldades do tempo presente vos estimulem e dupliquem as vossas fôrças!

3 — Intervenções do Santo Padre sôbre problemas juvenis

Discurso do Santo Padre de 28 de dezembro de 1968

1 — Oratórios

Desejamos agora dirigir uma saudação tôda particular, cheia de cordialidade e de respeito, a alguns grupos particularmente significativos, que hoje animam esta Audiência.

Antes de mais nada, as nossas boas vindas a mais de mil membros do "Centro Oratórios Romanos", grupo que devia ser guiado estando ao que nos foi anunciado, pelo Sr. Cardeal Angelo Dell'acqua, nosso Vigário Geral na Diocese de Roma, o qual, devido a outros empenhos, não pôde comparecer.

Nós queremos igualmente saudá-los como se estivesse presente, sabendo do interêsse e do zêlo que êle demonstra para os oratórios da Diocese de Roma, agradecer-lhe a assistência e o impulso que dá a esta Instituição e augurar que ela seja para êle uma fonte de merecimentos e de satisfações pastorais.

Os vossos Oratórios, diletos filhos, lembram o cinquentenário de fundação do seu Centro: são os dirigentes, os Diretores de Oratórios interparoquiais e das diversas paróquias romanas, os briosos Catequistas e Alunos Catequistas; e após si invisíveis mas bem presentes espiritualmente, estão os 15.000 meninos que frequentam os 80 Oratórios agregados à Instituição. Saudam-vos com paterno reconhecimento, filhos queridos e vos dizemos que nos sois particularmente queridos porque constituís parte ativa da nossa diletíssima diocese, assegurando a formação da inteligência do coração, e a preparação para a vida da parcela mais pequenina, mas mais prometedora, as crianças, os adolescentes, os jovens, isto é, aquêles que serão os adultos da sociedade de amanhã, os pais de família, os profissionais e trabalhadores, numa palavra, um enredo conectivo da vida civil e social da Roma católica. A vossa escola aquela queridíssima juventude aprende a amadurecer espiritualmente, a temperar-se na virtude e sustentar-se nos ásperos e perigosos caminhos do mundo: sob a vossa guia de leigos abertos e convictos que viveis o patrimônio que o Concílio Vaticano II vos confiou, aquêles jovens aprendem não somente a se tornar homens, mas a pensar, a comportar-se, a divertir-se, a empenhar-se, a plasmar-se, numa palavra, a viver como cristãos; adquirindo a consciência da dignidade do seu batismo e da vocação ao apostolado da sua crisma; acostumam-se à amizade de Cristo, educada na oração e alimentada pela Eucaristia; habituem-se a viver socialmente, a compreender o próximo, a inserir-se eficazmente no jôgo das relações humanas com uma visão equilibrada, serena, séria e consciente do mundo que o circunda, do trabalho que deverão cumprir, dos irmãos que esperam ajuda da sua generosidade e da sua formação.

Por tôdas essas benemerências nós vos agradecemos: e vos convidamos a olhar para frente, além da marca dos 25 anos do Centro Oratórios Romanos, com tanta fé em Jesus Mestre, vosso Divino Modêlo e com tanto reconhecimento em Maria “*Domina Nostra*”, a Celeste Padroeira que vos acompanhou nesses anos de contínua atividade. E, assegurando-vos que rezamos por vós, de coração vos abençoamos, abraçando em um único pensamento de afeto também todos os vossos Oratórios, os párocos e os sacerdotes que vos ministram a sua insubstituível ajuda, e a falange barulhenta e vivaz, e a nós tão querida, das nossas crianças.

2 — *A escola*

Estão ainda presentes os 500 Dirigentes e Responsáveis dos Institutos e Escolas Católicas Italianas, que nesses dias participam da

XXII Assembléa Geral da Federação dos Institutos Dependentes da Autoridade Eclesiástica.

Também vós, diletos filhos, e num grau de alta, delicadíssima responsabilidade estais em contato com a juventude de hoje: sois responsáveis pela sua formação escolar nos vários níveis das escolas existentes, até a soleira da Universidade, e experimentais por isso agudamente todo o valor, tôda a urgência dessa delicadíssima missão como bem o atesta o tema que escolhestes neste ano para os vossos frutuozos debates: “Os jovens na comunidade educativa, hoje”. Gos-tariamos dispor de mais tempo para dizer-vos o quanto nos está a peito a vossa obra e quanto dela esperamos para a solução dos problemas que afligem e sacodem e inquietam a juventude de hoje: apraz-nos sublinhar como vós, apesar das reais e por nós conhecidas dificuldades, que hoje a Escola Católica deve superar, tendes a possibilidade de desenvolver uma ação preciosíssima num terreno fértil, aberto, generoso. Tende confiança nos jovens: se bem iluminados, e colocados diante das próprias responsabilidades e dos próprios talentos, êles fazem frutificar o cento por um aquela semente que hoje depositais em sua inteligência ávida de saber, na sua vontade impaciente de agir e empenhar-se, no seu coração desejoso de amor e de animação, de compreensão.

Consagrai-vos totalmente, até o fim, à vossa missão: e recolhereis frutos profícuos para a mesma juventude, consoladores para vós, suavíssimos para a Igreja, que olha com imensa esperança para as falanges dos jovens que avançam, para assumirem com seriedade madura e profunda o seu lugar na sociedade. Ajudai-os: nós estamos convosco, amo-vos, animamo-vos e vos abençoamos.

3 — *Exercícios espirituais de orientação para os jovens*

Também os caríssimos e doutos sacerdotes da Federação Italiana para os Exercícios Espirituais, que aqui vieram com o venerável Irmão D. José Almici, Bispo de Alexandria e seu Presidente, por ocasião da quarta Assembléa Geral de sua organização, quiseram dar ao seu encontro, além da tratção dos problemas organizativos, um centro unificador, um denominador comum, digamos assim, em nome da juventude. O tema, de fato, que está desenvolvendo é muito belo e interessante: “Os Exercícios Espirituais para os jovens”. Apresentamo-nos públicamente louvor e particular animação. Conforta-nos muito saber que entre os vários sinais de confusão e perplexidade que de tôdas as partes se levantam, existe uma corrente secreta, um fio escondido, uma real e forte falange de jovens sérios e generosos, os

quais sabem reagir às solicitações externas, às agressões do conformismo imperante, que muitas vêzes hoje se exprimem nas aberrações de modas ideológicas assim como nas fáceis concessões dos costumes; reagir para entrar em si mesmos, e descer no íntimo do coração para estabelecer um colóquio, sós a sós, com Deus, um encontro regenerador com Cristo que lhes retempere as fôrças e os torne depois fermento na massa, luz no candelabro, cidade elevada na montanha, segundo a obrigação que o Concílio bosqueou para todos os lados cristãos a fim de que vivam a sua vocação sacerdotal, profética e real, configurados em Cristo para o bem dos Irmãos.

A função pedagógica espiritual, religiosa, dos Exercícios Espirituais aumentam de importância quanto mais a vida é 1) absorvida pela atividade externa; 2) é intensa e sem trégua e encontra somente na diversão e na restauração física um repouso e a recuperação das fôrças, mas sem reflexão pessoal; 3) os estímulos sensíveis e desonestos são multiplicados e impelentes.

Alegra-nos profundamente, repetimos, que vós, sacerdotes especializados na insubstituível prática dos Exercícios Espirituais, valiosos mestres do espírito, conhecedores experimentados dos caminhos de Deus, e guias sábios das almas, consagreis tempo, experiência, doutrina a um argumento tão importante e do qual muitíssimo esperamos, para a fecundidade perene da Igreja e da sua missão educadora e santificadora.

A vossa é uma missão e alto valor; difícil, mas fecunda; trabalhosa, mas providencial. E é por isso que enquanto vos agradecemos por tudo quanto realizais no campo magnífico e vastíssimo dos Exercícios Espirituais em tôda a sua diversa e múltíplice extensão nós vos asseguramos o apóio da nossa humilde oração, que invoca para vós a ajuda do Senhor, *virtus ex alto* ao mesmo tempo que vos damos a vossa particular Bênção Apostólica.

4 — A vitalidade da Igreja de hoje

Discurso do Santo Padre de 19 de janeiro de 1969

O Concílio é a resposta à boa vontade de quantos almejam viver e fazer viver o Cristo no nosso tempo. Ele não é somente um grande ensinamento doutrinário; é também um grande impulso moral. Oferece ao pensamento um quadro esplêndido das verdades da fé, embora não pretenda expor uma síntese orgânica e completa, porque em muitíssimos lugares se refere às fontes escriturísticas e às autênticas tradições; mas em outros trechos as explica e as desenvolve; e no conjunto, e é isso que agora nos interessa notar, constitui um enérgico impulso operativo. Ele é doutrina e é para a ação. É dogmático, e é moral; é para a luz das almas e é para a renovação da sua atividade prática, tanto pessoal, como comunitária.

Assim é nas intenções da Igreja conciliar; mas é também em todos e em toda parte na realidade? O que é que notamos? Está satisfeita a vossa boa vontade, e a da grande comunidade eclesial? Eis uma pergunta grave.

Observamos duas respostas negativas. A primeira é a da impaciência, que gostaria fôsse imediatamente efetuado aquilo que o Concílio programou. A impaciência se exprime, às vezes, na intolerância, quando considera que seja necessário chegar a aplicações imediatas, mais revolucionárias do que reformadoras, sem olhar para a coerência histórica e lógica das inovações a serem introduzidas na vida católica: e essa atitude chega muitas vezes à imprudência, à superficialidade, à obsessão da novidade pela novidade, ao mimetismo de moda da contestação e ao arbítrio da obediência. É necessário, a esse propósito, refletir sobre a economia cronológica do Evangelho, a qual não é a fulgurante e, no fundo, cômoda do fogo do céu (*cf. Luc 9,54*), que anula toda resistência, mas é a da semente que produz fruto "*in patientia*" (*Luc 8,15; cf. Marc 4,27-28; Mat 13,29*): e que muitas vezes na graduação do seu desenvolvimento esconde o respeito à liberdade, o método da caridade e a confiança. não fatalista, mas sábia e previdente na ação de Deus combinada com a ação humana.

A outra resposta negativa é igualmente complexa, o exigiria uma análise psicológica minuciosa e interessante. Porque, debaixo de certos aspectos, a Igreja, depois do Concílio, não está em melhor condições do que antes? Por que tantas insubordinações, tanta decadência da norma canônica, tantas tentativas de secularização, tanta audácia em ipnotizar transformações de estruturas eclesiais, tanto desejo de tornar a vida católica semelhante à profana, tanto crédito nas considerações sociológicas em lugar das teológicas e espirituais? Crise de

crescimento, dizem muitos: e que o seja. Mas não é também crise de fé? Crise de confiança de alguns filhos da Igreja na mesma Igreja? Há quem, analisando êsse alarmante fenômeno, fala de um estado de ânimo de dúvida sistemática e debilitante nas fileiras do Clero e dos Fiéis; e há quem fale de falta de preparo, de timidez, de preguiça; e quem, sem mais, acusa de medo, tanto a autoridade eclesiástica como a comunidade dos bons, quando uma e outra deixam prevalecer, sem admoestar, sem retificar, sem reagir, certas correntes de aberta desordem no nosso campo, e cedem, como por um complexo de inferioridade, ao domínio apoiado na opinião pública, mediante poderosos meios de comunicação social, de teses discutíveis e muitas vezes nada conformes com o espírito do mesmo Concílio, por temor de coisas piores, como se afirma; ou por não aparecer bastante modernos e prontos ao almejado “aggiornamento”.

Mas nós sabemos que se trata de fenômenos limitados, embora reais e não sem importância. Sabemos que a Igreja, em seu conjunto, mostra hoje uma vitalidade extraordinária, que coloca, a época presente, nas mais fecundas da sua história. Não há dúvida que, nesta nossa Igreja, tão “contestada” de fora e agitada no seu interior, há uma imensa reserva de boa vontade e uma imensa reserva de amor, do qual nos é grato reconhecer em vós, caríssimos filhos, valorosos expoentes. Vós tendes boa vontade e fé; vós não quereis permanecer inertes e passivos na ação que a Igreja pós-conciliar empreendeu para renovar-se na melhor adesão à sua origem evangélica e à sua inspiração doutrinal, e para responder melhor às exigências da sua missão no mundo contemporâneo. Vós quereis crescer, até à tensão do fervor e da generosidade, a boa vontade que tendes no coração, e tendes confiança que aquêle que dirige a Igreja em todos os níveis, não ludibriará a vossa silenciosa e preciosa disponibilidade. O Senhor esteja convosco!

Ao mesmo tempo que saboreamos o conforto dêsse autêntico espírito eclesial, o estimulamos com a nossa promessa (e o Senhor a guarde!) de reconhecê-lo, de apoiá-lo, de servi-lo, e o oferecemos à efusão do Espírito Santo com a nossa Bênção Apostólica.

VII SALESIANOS DEFUNTOS

Sac. Rolando Adamovich

★ em Puztaszentolorinc (Prest-Hungria) 7-2-1900, † em Budapest (Hungria) em 10-12-1968, com 68 anos de idade, 33 de profissão e 26 de sacerdócio.

A exemplo de São Mateus, com 33 anos passou, do escritório do Banco para o seguimento de Cristo entrando na Congregação.

Sua característica foi a profunda humildade falando de si e no trato com os homens. Sabia fazer-se amar por todos, especialmente pelos meninos. Depois da dispersão, em 1950 trabalhou como capelão em diversas vilas. Atingido de paralisia da língua e em seguida por um câncer maligno nos pulmões, serenamente consumou seu sacrifício.

Sac. Pedro Baron

★ em Piove di Sacco (Padua-Itália) 26-12-1913, † em Itajaí (Brasil) em 19-12-1968, com 55 anos de idade, 35 de profissão e 25 de sacerdócio. Foi 24 anos diretor.

Pelas suas grandes qualidades, inteligência e de coração passou quase toda a vida sacerdotal na direção de diversas obras nossas no Brasil. Como diretor cultivou a paternidade acolhedora com um sorriso franco; convencia com o exemplo mais do que com as palavras.

Sac. Mario Biagini

★ em Farnesi (Viterbo - Itália) 21-3-1912, † em Belano - Itália 5-10-1968 com 56 anos de idade, 40 de profissão e 29 de sacerdócio

Homem de estudo e de vasta cultura, professor de literatura na Universidade de Pavia, foi autor de mui apreciadas obras literárias. Como sacerdote desenvolveu um eficaz apostolado da palavra e nas formas exuberantes próprias de seu temperamento, alimentou sempre um grande amor pela Congregação.

Sac. Uberto Blanchet

★ Chawensod (Turim-Itália) 3-11-1888, † em Beirut (Libano) 4-9-1968, com 79 anos de idade, 59 de profissão e 38 de sacerdócio.

Irmão humilde, piedoso e ativo, escondia sob o véu da timidez uma alma rica de espiritualidade. Distinguiu-se pela perícia em desenho e arte decorativa.

O Senhor o encontrou pronto para o sacrifício de uma longa e dolorosa enfermidade, que encontrou com serenidade, e fortaleza dignas de uma alma muito avançada na vida interior.

Sac. Antonio Bonato

★ em Fara Vincentina (Vicencia-Itália) 9-12-1892, morto em Verona (Itália) 24-11-68 com 75 anos de idade, 57 de profissão e 46 de sacerdócio. Foi 23 anos diretor.

“Don Toni”, como todos o chamavam conservou até os últimos tempos uma elevada carga de entusiasmo espiritual e otimismo salesiano e soube transmitir essa atitude nas numerosas falanges de jovens chamados a vida salesiana como mestre dos noviços durante 25 anos na Hungria e na Itália.

No Ministério da palavra e no sacramento do perdão soube abrir e angariar os corações com o segrédo de uma inesgotável bondade.

Sac. José Bonocini

★ em Ranocchio Montese (Modena-Itália) 8-4-1877, † em Abano Terme (Itália) em 1-7-1968 com 91 anos de idade, 73 de profissão e 65 de sacerdócio.

O Senhor o aquinhoara com uma inteligência extraordinária e um coração de ouro. Suas predileções, na incomum amplitude de sua cultura, eram para as ciências sagradas, de modo especial pela Sagrada Escritura, que lecionou no Estudantado de Monteortone até a idade de 82 anos.

Alguém afirma dêle: “Era um tratado vivo do amor de Deus”.

O amor para com o próximo se manifestou no serviço total para os outros. A vida comum era a realização da oração de Jesus: “Que todos sejam um”. Não conhecia nem críticas, nem queixas, nem pessimismos.

Sac. Tomaz Bordas

★ em Barcelona (Espanha) em 26-12-1889, † em Turim (Itália) 27-12-1968, com 79 anos de idade, 60 de profissão e 51 de sacerdócio. Foi um ano diretor.

Depois de alguns anos de trabalho salesiano e sacerdotal em sua Pátria natal, os superiores maiores o chamaram a Turim como redator do Boletim Salesiano Espanhol, depois como Chefe do “Ufficio Stampa”, e em seguida para a Secretaria Geral e Arquivo Central. Nessas ocupações passou 43 anos com fervorosa dedicação, escrupulosa diligência, espírito de organização, merecendo a admiração carinhosa e a gratidão de todos. Tinha um grande amor por todos as memórias da Congregação e de D. Bosco.

Sac. João Butterfield

★ em Dublin (Irlanda) em 6-9-1916, † em Portlaoise (Irlanda) 6-10-1968. Com 52 anos de idade, 29 de profissão e 19 de sacerdócio.

Missionário na China nos anos mais belos de seu breve apostolado salesiano, foi obrigado a repatriar por motivos de saúde. Seus últimos anos os passou no Aspirantado, dando magníficos exemplos de observância religiosa, de alegria santa, de oração constante e de sacrifício silencioso.

Sac. Joaquim Cabello

★ em Aguilar Córdoba (Espanha) 18-9-1902, † em Porto Real (Espanha) 5-1-1969 com 66 anos de idade, 45 de profissão 37 de sacerdócio. Foi 6 anos Diretor.

Trabalhou em diversas casas e com ocupações diversas. Distribuindo sempre o bom odor de Cristo. O seu temperamento jovial e simples lhe proporcionou muitos amigos aos quais fez muito bem como sacerdote. Preparou-se para a morte com sereno abandono na Providência.

Sac. Heitor Carnevale

★ em Gambalò Pavia (Itália) 15-9-1892, † em Piossasco (Itália) 8-12-1968 com 76 anos de idade, 47 de profissão e 49 de sacerdócio.

Entrou para a Congregação salesiana depois dos estudos eclesíasticos no Seminário de Vigévano. Foi sacerdote de coração inflamado, incapaz de pensar e fazer mal, de piedade profunda e ardente amor de Deus que comunicava diariamente no Ministério da Confissão e da pregação. A Congregação deve a êle a vocação de muitos missionários e um fervor de espiritualidade que êle soube despertar em todos quantos se lhe aproximaram. Viveu muitos anos em Ivrea depois em Coat an Doch (França) no Canadá e finalmente na Casa-Mãe de Turim.

Sac. Francisco Casaro

★ em Palestro (Pavia-Itália) 28-4-1888, † em Borgo S. Martinho (Itália) 14-8-1968. Com 80 anos de idade, 62 de profissão e 53 de sacerdócio.

Sacerdote piedoso, bom e generoso zelou pela Glória de Deus e o decôro da sua Casa. Salesiano devotíssimo de D. Bosco que fez amar educando uma grande multidão de ex-alunos. Mestre experimentado e zeloso consagrou-se à causa da juventude que amou com o coração de D. Bosco.

Sac. Carlos Charles

★ Montevideo (Uruguai) 4-4-1886, † em Montevideo 4-5-1968. Com 82 anos de idade, 59 de sacerdócio. Foi 34 anos diretor

A sua primeira atividade a consagrou ao Oratório Festivo no qual empenhou tôdas as suas energias. Nos longos anos de Diretor e Pároco procurou embelezar os colégios e as Igrejas a êle confiados.

Foi religioso e sacerdote na verdadeira acepção da palavra: exato na vida de comunidade e fervoroso no zêlo sacerdotal.

Coadjutor Cesar Dalmaso

★ em Thiene (Vicencia-Itália) 13-11-1886, † em Ravena (Itália) 23-8-1968. Com 81 anos de idade e 62 de profissão.

O Bom irmão passou um vida longa e veneranda na Congregação, quase sempre em Ravena. Foi mestre apreciadíssimo da arte gráfica. Unia entretanto a competência profisional uma profunda vida interior e um amor sincero à congregação. A sua capacidade técnica e a sua bondade foram muitíssimo eficazes na mente e no coração dos numerosos ex-alunos.

Sac. Romano Dalvit

★ em Lujan de Cuyo Mendoza (Argentina) 25-5-1909, † em Salta (Argentina) 12-10-1968. Com 59 anos de idade, 40 de profissão e 32 de sacerdócio. Foi 2 anos diretor.

Foi salesiano observante e apóstolo da devoção a Maria Auxiliadora: tinha um caráter humilde e simples, distinguiu-se pelo amor ativo que, como delegado soube mostrar para com ex-alunos. No confissionário era prudente e sacrificado.

Sac. João Batista Defilippe

★ Em São Benigno (Turim-Itália) 2-2-1897, † Cuorgné (Itália) 5-11-1968. Com 71 anos de idade, 52 de profissão e 45 de sacerdócio. Foi 8 anos diretor.

Deixa-nos um exemplo de uma vida salesianamente operosa, enriquecida de grande humildade e exemplaridade sacerdotal. Quase tôda a sua atividade interrompida sòmente por ocasião do serviço militar durante a guerra mundial, foi dedicada ao ensino no curso ginásial. Especialmente nos últimos anos soube alimentar contatos afetivos com os ex-alunos, os quais, com os irmãos salesianos, e em número grandíssimo acompanharam os seus funerais.

Coadjutor Luis Dell Real

★ em El Guamo (Bolívar-Colômbia) 2-2-1895, † Barranquilla (Colômbia) 24-9-1968. Com 73 anos de idade, 46 de profissão.

A sua figura permanecerá entre nós como exemplo do verdadeiro Coadjutor Salesiano: amante da Congregação, trabalhador incansável, profundamente devoto de Maria Auxiliadora e de D. Bosco.

Brevemente será publicado o seu perfil biográfico que o apresentará como modelo aos nossos irmãos coadjutores.

Sac. João Duniec

★ em Przemecrany (Kielce-Polónia) 25-7-1907, † a Swiete (Polónia) 20-11-1968. Com 61 anos de idade, 44 anos de profissão, 34 de sacerdócio. Foi 12 anos diretor.

Sac. Raul Falconnet

★ em General Rojo (Buenos Aires) 3-10-1931, † em Rosário 3-10-1968. Com 37 anos de idade, 18 anos de profissão e 9 anos de sacerdócio. Foi 3 anos diretor.

Suportou com verdadeira resignação sem perder nem o bom humor nem o perene sorriso, os sofrimentos dolorosos de uma longa enfermidade. Seu desejo era ficar bom para trabalhar pois era ainda muitíssimo jovem. Mas o Senhor encontrando-o amadurecido para o céu quis chamá-lo a si privando-nos de um irmão que ainda poderia trabalhar tanto pelas almas.

Sac. Luiz Fassio

★ em Falces (Navarra-Espanha) 19-4-1944, † em Balague: (Espanha) 3-1-1969. Com 24 anos de idade e 5 de profissão.

Foi uma figura salesiana de primeira linha, como demonstra as muitas onorificenças recebidas por seus merecimentos educacionais. A cidade de Ayacucho o recorda como fundador do único colégio católico que êle conduziu a um prestígio altíssimo.

Brilhou pelo seu zelo sacerdotal como pregador e confessor.

Clérigo Luiz Fernandez Olite

★ em Falces (Navarra-Espanha) 19-4-1944, † falecido em Balague: (Espanha) 3-1-1969. Com 24 anos de idade e 5 de profissão.

Estava em seu terceiro ano de tirocínio e se distinguia pelo seu espírito de laboriosidade e disponibilidade. A morte o levou trágicamente num desastre, já nas épocas da sua profissão perpétua.

Sac. Emanuel Ferrando

★ Montevideó (Uruguai) 16-4-1883, † em Montevideó 2-11-1968. Com 85 anos de idade, 66 de profissão e 58 de sacerdócio. Foi 15 anos diretor.

Salesiano cem por cento piedoso, caridoso, observante das Regras; trabalhador como poucos o foram até o fim da vida. Nos últimos

anos dedicou-se ao Ministério da Penitência que exercia também quando lhe custava bastante sacrifício. Na véspera de seu falecimento, estando ainda de pé, pediu a unção dos enfermos, “por que, disse, amanhã vou morrer”: e assim aconteceu.

Sac. José Förster

★ em Rohren (Rheinland-Germania) 23-2-1903, † em Marienhausen (Germania) 14-11-1968. Com 65 anos de idade, 34 de profissão e 21 de sacerdócio. Foi 3 anos diretor.

No seu apostolado sacerdotal e salesiano manifestou um espírito não comum de sacrifício num oratório e na assistência aos doentes. Foi muito apreciado pelos seus paroquianos. Foi homem de coração bom, religioso exemplar, mensageiro de paz, sacerdote piedoso e autenticamente salesiano.

Sac. Antonio Giacone

★ em Montaldo Roero (Cupeo-Itália) 3-7-1897, † em Recife (Brasil) 4-10-1968. Com 71 anos de idade, 52 de profissão e 45 de sacerdócio. Foi 2 anos diretor.

Missionário na verdadeira acepção da palavra: “Enviado para evangelizar”. Trabalhou 35 anos nas missões do Rio Negro (Brasil) amou imensamente os seus índios; viveu a vida deles estudou-lhes o costume e a língua e escreveu diversos livros sobre os tucanos. Com o Evangelho levou a seus índios a civilização e a educação.

Todos lhe queriam bem, porque sabia fazer-se amar por todos.

Sac. Jacinto Gomez

★ em Abaigar (Navarra-Espanha) 11-9-1891, † em Campello (Espanha) 6-12-1968. Com 77 anos de idade, 53 de profissão e 45 de sacerdócio.

Exerceu com incansável zelo e dedicação o apostolado do ensino e o sagrado ministério por muitos anos na Igreja de Campello onde passou quase toda a sua vida salesiana, encarregado dos externos e diretor do Oratório festivo.

Era muito estimado pela população devido à sua abnegação, à sua caridade, e exemplo de vida sacerdotal. Nos últimos anos uma dolorosa enfermidade o reduziu a inatividade que ele aceitou como purificação do espírito.

Coadjutor Ernesto Grossi

★ em Brembio (Milano-Itália) 15-6-1902, † em Milano 17-7-1968. Com 66 anos de idade e 34 de profissão.

Exerceu durante 4 anos o ofício de marceneiro especializado depois para ter ocasião de exercer mais amplamente a caridade para com os outros diplomou-se enfermeiro. Foi durante 30 anos o “bom

samaritano” das principais casas da Inspetoria Lombardo-Emiliana encerrando santamente seus dias na enfermaria do nosso Instituto de Milão após 7 meses de agonia lenta devido a um tumor no estômago.

Coadjutor José Guzman

★ em Naranjo (São José-Costa Rica) 24-9-1886, † em Tegucigalpa (Honduras) 30-9-1968. Com 82 anos de idade, 47 de profissão.

Entrou na vida salesiana aos 35 anos de idade, tendo já exercido a função de professor primário. Mestre e guia de almas foi durante a sua vida religiosa para os meninos do nosso colégio de Tegucigalpa para Oratório festivo e para os seus ex-alunos.

Foi religioso exemplar trabalhador humilde e incansável.

Coadjutor José Hanley

★ em Mallow (Cork-Irlanda) 29-5-1881, † em Chertsey (Inglaterra) 15-1-1969. Com 87 anos de idade e 30 de profissão.

Este humilde e querido coadjutor se consagrou a D. Bosco com a idade de quase 60 anos e passou toda a sua vida salesiana em Chertsey, dando um exemplo inesquecível de grande espírito de sacrifício como enfermeiro: foi religioso piedoso, simples sempre alegre e sereno.

Coadjutor Luiz Irazabal

★ em Montevideo (Uruguai) 18-8-1897, † em Montevideo (3-9-1968). Com 71 anos de idade e 52 de profissão.

Distinguiu-se pela observância das suas obrigações, de maneira especial das práticas de piedade. Foi verdadeiro artista em desenho e pintura mas acima de tudo deixou-nos um ótimo exemplo em sua última enfermidade pela sua resignação e a maneira com que se preparou para a morte com grande conformidade com a vontade de Deus.

Coadjutor Antonio Kenyeri

★ em Graz (Styria-Austria) 25-9-1893, † München (Alemanha) 12-11-1968. Com 75 anos de idade e 44 de profissão.

Dedicou-se ao trabalho de escritório com diligência, fidelidade e espírito sempre alegre, até o último dia de sua vida apesar dos seus 75 anos e do coração doente. Nas horas livres do escritório se dedicou com resultado à Assistência de um grupo de Marianos.

Gozava do afeto dos irmãos e dos jovens. Era homem justo e fiel, segundo o espírito de D. Bosco.

Sac. José Kreslin

★ em Srednja Bistrica (Slovenia-Jugoslavia) 26-2-1912, † em Bjelovar (Jugoslavia) 4-12-1968 com 56 anos, 37 de profissão e 27 de sacerdócio. Foi Diretor por 6 anos.

A maior parte do seu apostolado sacerdotal o desenvolveu na Croacia entre os estudantes de teologia como catequista e maestro de música. Últimamente foi mestre dos noviços de Zelimlje. Possuía um espírito sereno, cordial com todos e rica vida interior. Conservou o amor a Dom Bosco aprendido no centro da Congregação nos anos da sua primeira formação salesiana.

Coadjutor João Kuhar

★ em Bratanci-Murska Sobota (Slovenia - Jugoslavia) 8-5-1899, † em Cerknica (Jugoslavia) em 10-1-1968. Com 68 anos de idade e 12 de profissão.

Coadjutor Vicente La Mela

★ em Adorno (Catania - Itália) 22-7-1894, † em Módiça (Itália) 3-1-1969. Com 74 anos de idade e 49 de profissão.

Durante toda a sua vida salesiana distinguiu-se pela simplicidade, amor ao trabalho e delicadeza no trato com todos.

Sempre pronto e sereno quando a obediência o destinava a outra casa, também quando se exigia dele uma separação difícil. Deixou em toda parte exemplo de bondade e piedade profunda.

Sac. Mariano Mallada

★ em Huesca-Espanha 12-10-1900. † em Balaguer (Espanha) 3-1-1969. Com 68 anos de idade, 51 de profissão, 42 de sacerdócio. Foi 6 anos Diretor.

De caráter bom e muito devoto de Nossa Senhora. Desenvolveu a sua atividade salesiana com muito louvor como catequista nas casas de Alicante, Barcelona e Pamplona. Foi Diretor em Campello e últimamente confessor e encarregado dos cooperadores salesianos de Zaragoza.

Coad. Stanislaw Marszalek

★ em Radziszow (Krakow - Polonia) 8-11-1917, † em Oswiecim (Polonia) 15-8-1968, com 58 anos de idade e 30 de profissão.

Sac. Antonio Martinez de Haro

★ em Dolar (Granada - Espanha) 14-7-1892, † em Pozoblanco (Espanha) em 26-12-1968, com 76 anos de idade, 58 de profissão e 50 de sacerdócio.

Na sua longa vida salesiana se distinguiu sempre pelo grande amor ao trabalho, piedade profunda, arraigado amor as coisas salesianas. Devido à sua afabilidade gozou da simpatia de quantos tiveram que tratar com ele. Os últimos 17 anos os passou em Pozoblanco: todos

recorriam a êle para resolver suas dúvidas, orientar sua vida, procurar animação e êle se dava a todos como pai bom e amigo sincero. A cidade reconhecida deu-lhe o título de cidadão e lhe dedicou uma rua.

Mons. Pedro Massa

★ em Cornigliano Ligure (Genova - Itália) 29-6-1880, † no Rio de Janeiro (Brasil) 15-9-1968. Com 88 anos de idade, 68 de profissão e 66 de sacerdócio.

Foi 6 anos Diretor, 2 anos Inspetor, 21 Prefeito Apostólico e 27 anos Bispo Titular de Ebron.

Monsenhor Massa foi uma figura característica no mundo missionário salesiano, como prefeito apostólico e depois como administrador apostólico da Prelazia do Rio Negro e de Porto Velho. Teve dotes de genial e atrevido organizador mas atingiu sôbre tudo no seu amor por Deus e pelas almas, da sua piedade e do seu desapego dos bens da terra, a inspiração e a força para o pesado Ministério Episcopal. Com uma visão original dividiu entre o trabalho direto na missão e a busca de meios materiais na capital brasileira o seu programa de conquista missionária e obteve resultado de vida cristã que pareciam inatingíveis num território já abandonado por outros evangelizadores. Não sempre foi compreendido, mas o sucesso de sua obra atesta a validade de sua estratégia missionária.

Sac. Rafael Mathias

★ em Muno (Luxemburgo) 12-6-1910, † em Tienem (Bélgica) 16-10-1968, com 58 anos de idade, 38 de profissão e 29 de sacerdócio.

Foi ao Congo em 1940 e foi professor missionário em diversas casas e missões. Uma doença do coração maltratou com penosos sofrimentos os seus últimos anos e o reduziu a quase total inatividade. Debaixo do aspecto muitas vêzes rude escondia-se o coração de ouro de um bom religioso. Esta a imagem que fica do nosso irmão.

Sac. Francisco McCormick

★ em Drumquin (Ulster - Irlanda) 12-5-1881, † em Guildford (Inglaterra) 30-10-1968, 87 anos de idade, 59 de profissão e 51 de sacerdócio.

Com êste ótimo e estimado irmão desaparece um dos salesianos mais antigos da Inspetoria de Londres. Durante quase tôda a sua vida trabalhou com zêlo apostólico no ministério paroquial, distinguindo-se como pastor cuidadoso e sensato, de critério seguro e equilibrado sempre atento aos interêsses e necessidades do seu rebanho.

Nos últimos anos suportou com resignação edificante o sofrimento de uma longa doença Deus quis purificar a sua alma escondida.

Coadjutor Angelo Nicolletti

★ em Fanano (Modena - Itália) 28-2-1887, † em La Plata (Argentina) 3-11-1968 com 81 anos de idade e 58 de profissão.

Entusiasta da vida religiosa, nela perseverou embora tivesse deixado os estudos sacerdotais. Dedicou-se com ardor e competência ao magistério e se mostrou valente educador. Nos últimos anos demonstrou a intensidade da sua vida espiritual, dedicando muitas horas do dia à leitura edificante de vida religiosa e salesiana.

Sac. José Oberti

★ em Paizandu (Uruguai) 4-2-1884, † em Montevideu (Uruguai) 25-5-1968 com 84 anos de idade, 63 de profissão e 59 de sacerdócio. Foi 9 anos Diretor.

Foi um dos fundadores do teologado de Manga (Uruguai). Empregou toda a sua vida em trabalho salesiano, sempre sacrificado como professor, capelão de orfanato, diretor e pároco. Distinguiu-se de modo particular pelo amor e cuidado dos ex-alunos: por eles se deu todo a si mesmo e teve como recompensa uma grande demonstração de gratidão nos seus funerais.

Sac. Luis Pasinelli

★ em Fonteno (Bergamo - Itália) 22-11-1911, † em São Paulo (Brasil) 4-1-1969 com 57 anos de idade, 35 de profissão, 26 de sacerdócio. Foi 21 anos diretor.

Vocação adulta, passou toda a vida em zona de vanguarda missionária. De temperamento alegre, levava por toda a parte uma nota de alegria e com serenidade invejável soube enfrentar até o fim os sofrimentos que não o afastaram do trabalho. A missão do Rio Negro perde nele um validíssimo sustentáculo.

Coadjutor Rafael Patlan

★ em Guanajuato (México) 26-8-1868, † em México em 26-5-1968 com 69 anos de idade, 40 de profissão.

Coadjutor humilde, piedoso, e trabalhador, foi seu empenho manifestar-se sempre dócil e sempre contente também quando as obrigações naturalmente exigiam sacrifícios ou podiam ser pouco agradáveis. Foi exemplaríssimo na obediência e no espírito de sacrifício.

Sac. Luis Aquiles Pilotto

★ em Torreselle (Padova - Itália) 15-2-1907, † em Martina Franca (Taranto Itália) 30-11-68, com 61 anos de idade, 36 de profissão, 28 de sacerdócio. Foi 8 anos diretor e 13 inspetor.

Com 20 anos de idade deixou os amigos de trabalho, a oficina, a família para consagrar-se à Deus na família de Dom Bosco. Brilhou de alma e coerência absoluta entre os princípios e a prática da vida.

Dêle foi feito este julgamento: padre Pilotto foi cristão que realmente acreditou, religioso que viveu com plena dedicação a sua consagração a Deus, sacerdote que fez do sacrifício da Missa o ideal da sua vida, exemplar e devotíssimo filho de Dom Bosco que serviu com toda a sua força à Congregação e que formou para um elevado empenho cristão, irmãos e jovens.

Exigia muito como Superior e como Educador, mas sabia compreender a todos com grande largueza de coração e a todos estimulava com exemplo irrepreensível da sua vida. Teve encargos de confiança e de responsabilidade, mas foi sempre disponível com serena docilidade a toda obediência na qual viu sempre o sinal da vontade de Deus.

Sac. João Piotrowski

★ em Orenburg (Russia) 29-1-1907, † em Varsávia (Polónia) em 16-10-1968 com 61 anos de idade, 41 de profissão e 30 de sacerdócio. Foi Diretor 3 anos.

Distinguiu-se pelo empenho no trabalho pelo sentido de dever e da ordem.

Foi Conselheiro e procurador legal junto do Inspetor. Nessa sua função prestou grande serviço à Congregação e a muitas Congregações femininas.

Foi sacerdote exemplar e hábil pregador.

Sac. João Piron

★ em Piove di Sacco (Padua-Itália) 6-3-1887, † em Cuornè (Itália) 27-11-1968, com 81 anos de idade, 56 de profissão e 46 de sacerdócio.

Foi missionário na Venezuela que deixou por motivos de saúde. Passou em diversas Casas da Inspetoria Subalpina como confessor muito apreciável pelo seu trato cordial, compreensivo, fraterno. A sinceridade e simplicidade de coração foram as suas características.

Sac. Eduardo Potier

★ em Marche (Namur - Bélgica) 23-9-1892, † em Waha (Bélgica) 8-12-1968, com 76 anos de idade, 55 de profissão e 48 de sacerdócio. Foi 6 anos diretor.

Como Salesiano e sacerdote cultivou com grande amor a liturgia, teve uma tenra devoção mariana, quis ser sempre filho devoto da Igreja e do Papa.

Desenvolveu diversas ocupações acompanhou sempre eficazmente os seus ex-alunos.

Sac. João Ramon

★ em Dottignies (Bélgica) 23-1-1906, † em Liege (Bélgica) 11-10-1968, com 62 anos de idade, 42 de profissão e 33 de sacerdócio.

O Padre Ramon foi perito professor mas sobretudo um educador que soube influir com suas virtudes sacerdotais sôbre o ânimo dos alunos.

O seu ministério não se restringiu sômente ao ambiente escolar: foi assistente da ação católica, confessor de comunidades religiosas, vice-pároco dominical.

Os irmãos lembram a sua cordialidade e a sua caridade para com todos.

Sac. Vicente Razzetti

★ em Pino Torinese (Torino - Itália) 2-11-1896, † em Montevidéo (Uruguai) 2-8-1968, com 71 anos de idade, 54 de profissão e 45 de sacerdócio.

Na sua vida sacerdotal se consagrou de modo especial ao oratório festivo e aos pobres, à catequese, à assistência religiosa dos subúrbios pobres da cidade e do campo.

Dedicou os últimos anos à direção espiritual como apreciado confessor de irmãos e meninos apesar dos incômodos da saúde, passava semanalmente em todos os colégios de Montevidéo, para as confissões.

Sac. Carlos Remi

★ em Uccle (Brabant-Bélgica) 11-4-1906, † em Toulon (França) 4-10-1968, com 62 anos de idade, 39 de profissão e 32 de sacerdócio.

Entrou na Congregação com idade madura. Dedicou as melhores energias da sua vida sacerdotal, às missões do Congo, onde trabalhou durante 20 anos. Tendo voltado à Europa em 1954 fez parte da Inspeção de Lyon, distinguindo-se sempre no ministério sacerdotal e na vida salesiana.

Sac. Jose Riasol

★ em Pergamino (Buenos Aires) 17-6-1925, † em Corrientes (Argentina) em 2-12-1968, com 43 anos de idade, 21 de profissão e 10 de sacerdócio.

De saúde um tanto precária, pôde assim mesmo desempenhar com bom êxito diversas ocupações. Teve carinho particular para o bem espiritual e material dos jornaleiros de Corrientes. Soube tornar-se muito estimado pelo povo e superar não poucas dificuldades que se interpunham ao seu apostolado.

Sac. Carlos Schimidt

★ em Zweibrücken (Germania) 2-6-1904, † em München (Germania) em 13-5-1968 com 63 anos de idade, 45 de profissão e 36 de sacerdócio.

Sac. Vito Sgroi

★ em Rosário (Argentina) 15-8-1929, † em Corrientes (Argentina) 2-12-1968, com 39 anos de idade, 22 de profissão e 13 de sacerdócio.

Dotado de magnífica inteligência fez frutificar os talentos recebidos do Senhor: devido à seus conhecimentos científicos foi premiado com medalha de ouro. Era conhecido com o nome de "El Maestro" mas ele aplicou igual zelo em favor da juventude universitária e dos ex-alunos, para os quais organizou uma biblioteca universitária em Torrientes.

Sac. José Simonic

★ em Hrneiarovce (Bratislava - Checoslováquia) 7-2-1907, † em Beckor (Checoslováquia) 25-10-1968 com 61 anos de idade, 42 de profissão e 33 de sacerdócio. Foi diretor 9 anos.

Desenvolveu a sua atividade no Oratório da Casa Inspetorial na periferia de Bratislava. Com seu sorriso constante conseguiu criar um verdadeiro amigo de família entre os jovens e os irmãos, como diretor, primeiro e depois como pároco.

Suportou com fortaleza as dores de uma longa doença.

Sac. Geysa Szalay

★ em Kapuvar (Sopron - Hungria) 16-1-1962, † em Szombathely (Hungria) 16-9-1968, 46 anos de idade, 27 de profissão e 16 de sacerdócio.

Depois da dispersão de 1950 terminou seus estudos no seminário de Szombathely. Foi capelão e depois vigário de Gasztony. Como bom filho de D. Bosco tinha predileção pelos meninos e pelos jovens, consagrando a eles os seus dotes de inteligência e de coração.

Suportou serenamente a prova de uma longa e dolorosa doença.

Sac. Paulo Széliga

★ em Uriburu (Pampa - Argentina) 29-11-1913, † Corrientes (Argentina) 2-12-1968 com 55 anos de idade, 36 de profissão, 27 de sacerdócio. Foi 13 anos diretor.

Catequista, Diretor, Pároco, distinguiu-se sempre pelo seu ardente zelo sacerdotal. Foi o fundador da nossa florescente obra de Concepcion, que recebeu dele uma segura e exemplar estrutura pastoral.

Neste ano havia assumido a direção do colégio Dom Bosco em Resistência, mas foi vítima do Rio Paraná, quando tentava salvar um outro irmão envolvido pelas ondas.

Sac. João Theeuwis

★ em Overpelt (Limburgo-Bélgica) 12-10-1897, † em St. Truiden (Bélgica) 28-11-1968, com 71 anos de idade, 44 de profissão e 37 de sacerdócio.

Foi sacerdote zeloso que se pôs a serviço da Igreja e da Congregação com muita humildade. Com 50 anos de idade partiu missionário para as Índias (Assam).

Sabia admirar a bondade de Deus na contemplação das belezas da natureza. O espírito de trabalho intenso e de oração assídua caracterizaram tôda a sua vida.

Sac. Primo Turella

★ em Albaredo (Verona-Itália) 10-6-1894, † São Paulo (Brasil) 4-11-1968 com 56 anos de idade, 36 de profissão e 22 de sacerdócio. Foi 9 anos Diretor.

Sac. Ruben Uguccioni

★ em Castelluccio de Montese (Modena-Itália) 10-6-1894, † em Turim-Crocetta, 7-12-1968, com 74 anos de idade, 56 de profissão e 47 de sacerdócio. Foi 30 anos diretor e 3 Inspetor.

“Servo de Deus e de Maria”, definiu-o o nosso Reitor-Mor no elogio fúnebre: Foi-o através de um serviço fiel e generoso à Congregação salesiana. Foi Inspetor, durante 18 anos Diretor da Casa Capitular e depois Reitor da Basílica de Maria Auxiliadora de Turim, distinguindo-se sobretudo pelo culto das coisas salesianas e pelo mais devoto e cuidadoso interesse pela vida da Basílica.

Foi homem de fé que viveu com simplicidade, humildade, em espírito de cordial obediência e de dedicada caridade para com todos, os incansáveis anos de atividades salesianas.

Coad. José Valtolina

★ em Robbiate (Como-Itália) 27-5-1911, † em Haad Yai (Thailândia) 8-10-1968 com 57 anos de idade e 31 de profissão.

Passou os 32 anos de sua vida religiosa como missionário na Thailândia. Foi amado por todos pelo seu otimismo, pelo seu espírito de piedade, pelo seu zelo e pela cordialidade na sua obediência: Verdadeiro salesiano segundo o espírito de D. Bosco. O Senhor e Maria Santíssima Auxiliadora dos quais era devotíssimo, o chamaram a si quando vinha transportado em aéreo para ser urgentemente atendido no hospital de Bangkok.

Sac. Guilherme Wilcock

★ em Preston (Lancaster-Inglaterra) 3-6-1893, † em Manchester (Inglaterra) 16-10-1968, com 75 anos de idade, 53 de profissão e 45 de sacerdócio.

Vocação adulta, homem de fé profunda e de simples e sólida piedade, distinguiu-se pela sua regularidade exemplar, seu espírito de trabalho e a sua caridade para com todos. Os Ex-alunos e os Coope-radores aos quais sempre dispensou cuidados, recordam-no com muito afeto.

Sac. Antônio Zarl

★ em Einsereich (Austria) 20-4-1906, † em São Salvador (El Salvador) 21-9-1968, com 62 anos de idade, 37 de profissão e 27 de sacerdócio.

Sacerdote humilde e zeloso, trabalhou sempre nas escolas popu-lares nos oratórios festivos. Suas benemerências foram reconhecidas pelas autoridades da cidade com uma condecoração que se costuma conceder aos benfeitores os mais insígnies. O Senhor o provou com uma dolorosa e prolongada doença, que certamente lhe terá apressado e aumentado o prêmio eterno.

Composto e Impresso nas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Moóca, 766 (Moóca)
Fone: 33-5459 — P. A. B. X.
Caixa Postal, 30 439
SÃO PAULO

